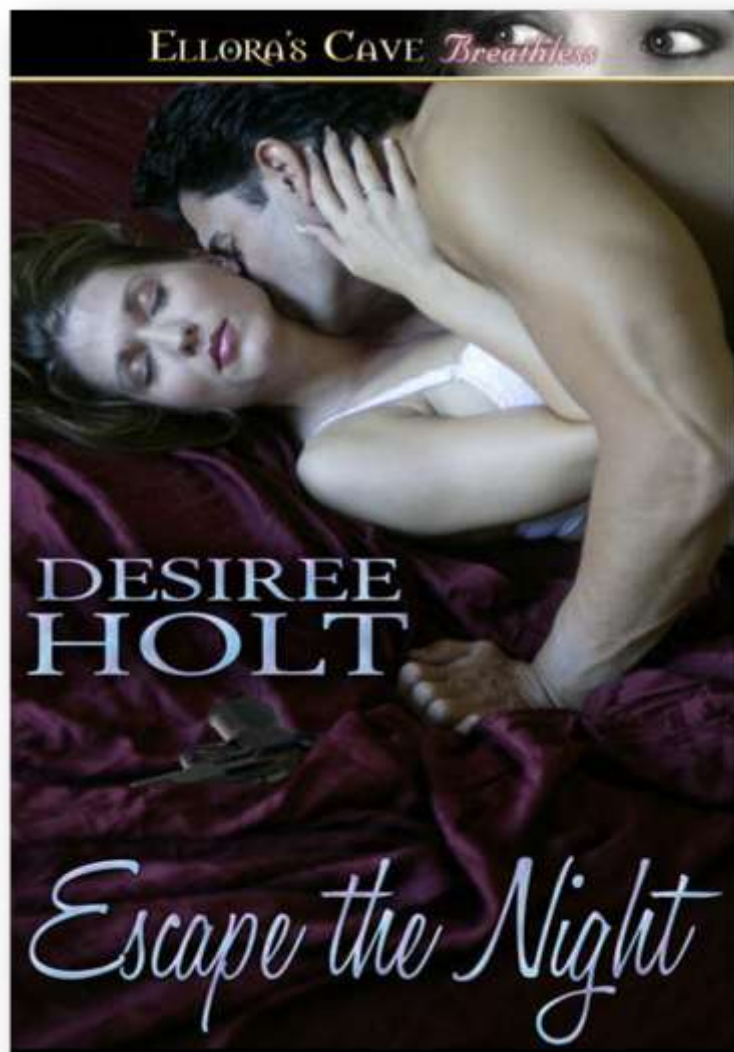




Fuga na noite

Desiree Holt

Pesquisa e disponibilização: **Mell**

Revisão e formatação: **Esterzinha**

Colaboração final: **Lu Moreira**

Grupo RR



Sinopse

Quando Anya Kane escapou da escuridão para a qual Virgílio Branson a estava vendendo, ela procurou a ajuda de seu chefe, Gus D'Amato, um quente e gostoso agente do FBI. Seis meses depois, ela está fora de seu escritório e em sua cama, curtindo o mais erótico sexo imaginável e forjando um vínculo com o homem que faz cada músculo de seu corpo tremer. Mas as coisas vão dramaticamente errado, e entre as sessões de sexo termonuclear que os deixa em fogo, Gus se vê lutando para manter a ambos em segurança.

Dedicatória

Para meu próprio herói muito pessoal, sempre em meu coração, que me ajudou a escapar da noite, e para Amy, Steve e Suzanne, os melhores filhos do mundo que me permitem uma permanente troca de idéias com eles.

Desiree Holt

Capítulo Um

Anya Kane correu pelas ruas escuras, colando-se às paredes dos edifícios, seus próprios passos ecoando tão alto em seus ouvidos que ela estava certa que Virgil podia ouvi-la. Ela lutou por ar, os pulmões queimando, seu lado doendo de correr tão longe e tão rápido, mas ela não podia parar. Seu rosto pulsava onde ele a estapeou e ela ainda podia sentir a contusão de seus dedos impressos em seu seio quando ele entrou no quarto.

Virgil!

Deus, que idiota ela era. Ela escapou de uma casa de horror só para acabar em outra. Fugir de sua casa em Burdette para a cidade tinha sido o único caminho para sair da confusão que tinha sido sua casa. Casa? Isso era uma piada. Quatro paredes que escondiam segredos de frieza e brutalidade. Ela teve tantas esperanças quando se estabeleceu em San Antonio. Mesmo quando seu primeiro emprego não foi bem-sucedido, ela continuou. Empurrando adiante.

Saltando da frigideira no fogo.

Ela ainda podia ouvir choro constante, então as blasfêmias, e os homens discutindo em voz alta. Ainda ouvia as palavras de Virgil, em sua cabeça, enquanto ele descrevia o que ele estaria fazendo para “prepará-la” para um de seus “clientes”.

Como ela ficou impressionada o dia em que se chocou com suas amigas Amy e Stella na lanchonete onde ela esteve almoçando. Ela simplesmente tinha conseguido um excelente trabalho novo, um que ela não queria perder – um que prometeu ser muito excitante – e ela adquiriu o hábito de comer em sua escrivaninha para recuperar o atraso em seu trabalho.

Seu primeiro pensamento foi: *O que Amy e Stella estão fazendo aqui no meio do dia? E com um cara tão bonito? Elas nunca disseram uma palavra sobre ele. E por que elas não estão me apresentando para ele?*

O homem era tão lindo, tão suave. Ela quis sair para almoçar com ele, também. Apenas que nem Amy nem Stella pareceram muito felizes por vê-la ou por estarem lá.

Algo estava errado, mas ela não podia compreender o quê. Era ele a razão pela qual as três deles não se viram nas últimas semanas? Que elas não estavam retornando seus telefonemas? Mas isto não parecia com um interlúdio romântico. Talvez ele estivesse ajudando elas a encontrarem novos empregos.

– Que surpresa, – ela disse, permanecendo sem jeito próximo à mesa. Então ela olhou para Amy e Stella e deixou escapar, – Como vocês não retornaram nenhum dos meus telefonemas. Vocês estão bravas comigo?

Amy levantou a cabeça.

– Nós... uh... temos estado ocupadas.

– Sim, ocupadas, – Stella ecoou, e curvou sua cabeça para sua comida. – E nós estamos ocupadas agora.

Anya se sentiu tola de repente, atordoada que elas a tratassem deste modo e constrangida por sua pergunta infantil, mas Virgil lhe deu um sorriso morno.

– Isto não é modo de tratar sua amiga, – ele repreendeu as mulheres, e empurrou uma cadeira. – Eu sou Virgil Branson. Venha se sentar, docinho, e me conte tudo sobre você.

Ele atraindo-a como uma mariposa para a chama, atormentando-a, tecendo sua teia. Ele se sentou lá entre as duas mulheres, bonito em seu terno feito sob medida, seu caro corte de cabelo e sua camisa e gravata de ponta, parecendo, em cada centímetro, o perfeito homem de negócios.

– Eu não posso ficar muito tempo, – ela disse nervosamente. – Meu chefe está me esperando de volta imediatamente. Mas é muito bom ver vocês todos. Eu não vi você por algum tempo, Virgil.

Então dois homens de negócios, tão bem vestidos quanto Virgil, se aproximaram da mesa. Ele não os apresentou, apenas sorriu e acenou com a cabeça

– Hora de ir, meninas, – ele disse, jogando algum dinheiro sobre a mesa e empurrando sua cadeira. – Anya, eu poderia estar te fazendo uma chamada. Talvez nós possamos passar algum tempo juntos.

Ela não podia acreditar em que ele lhe pediu isso na frente de seus amigos e ela ficou lá, não sabendo o que dizer. Stella tomou um momento mais longo para se levantar, parando para procurar em sua bolsa e se aplicar batom, em seguida, borrando-o com o guardanapo.

– Vamos, – Virgil a apressou, uma nota de impaciência em sua voz.

– Estou indo, estou indo. – Stella deu um salto tão rápido que quase derrubou a cadeira.

Anya olhou fixamente para eles enquanto Virgil apressou o grupo inteiro para fora. Ela sacudiu-se, perguntando-se se ela tinha imaginado o episódio inteiro.

Quando ele telefonou mais tarde na semana e a convidou para sair, ela não viu nada errado em aceitar. Ela até foi para uma loja e aprendeu sobre maquilagem e comprou dois vestidos novos. Seus olhos tinham brilhado com interesse quando ele veio para recolhê-la e a elogiou por sua beleza. Então ela saiu com ele novamente. E depois uma terceira vez. Em Burdette, as circunstâncias tinham lhe dado muito pouca oportunidade para uma vida social. Isto era parte do que ela esperava ansiosamente na cidade.

Mas, então, Stella e Amy tinham chamado, bajulando primeiro e depois gritando com ela para se manter afastada de Virgil. Ela ignorou isso como ciúme. Ah, se apenas tivesse sido tão simples.

Ela devia tê-las ouvido. Agora era tarde demais. Tarde demais.

E agora ela sabia tudo sobre Virgil. Maldição! Naquele momento ela desejou que ela fosse aquela mulher simples e tímida de antes, não chamando atenção para si mesma. Quando ela compreendeu o que ele realmente estava fazendo, ela era uma prisioneira em sua casa, com dois homens de negócios regateando seu preço.

Esperando e observando pela oportunidade certa, ela conseguiu fugir quase bem debaixo do nariz dele. Ela sabia, quando ele veio para seu quarto, que ele estaria furioso por ela ter escapado. Se ela não tivesse insistido em que tinha que usar o banheiro... Se Virgil não tivesse entrado em uma acalorada discussão com dois de seus “clientes”... Se tudo não tivesse acontecido da maneira que aconteceu...

Seu estômago se embrulhou com o pensamento de que ele tinha esperado por ela, o pânico enrolou apertado dentro dela. Seu único pedaço de sorte até então tinha sido a decisão de Virgil, por qualquer razão, de deixá-la intocada. Mas ele estava vindo, e logo. E agora ela tinha que continuar correndo, mas ela não tinha nenhuma idéia de para onde ela estava correndo. Ela não podia voltar para seu apartamento. Esse seria o primeiro lugar que ele verificaria. Nem poderia encontrar o caminho de casa para Burdette. Localizá-la em uma cidade pequena como aquela seria um piscar de olhos.

Mas onde ela poderia ir? O que ela poderia fazer? Ela não tinha dinheiro, nem identificação e só as roupas do corpo. Tudo que ela pensava era em fugir. Mas agora o que? Ela tinha que continuar. Ela não podia deixar ele pegá-la.

Ela não tinha idéia de onde estava, só que ela estava em algum lugar na extremidade do centro da cidade San Antonio. O bairro era uma mistura de casas e condomínios¹ mas ela não estava suficientemente familiarizada com a cidade para ser mais exata quanto à sua localização. Ela apenas sabia que não podia parar e que segurança significava manter-se nas sombras tanto quanto pudesse, esperando, a qualquer momento, ouvir passos seguindo-a. Ou pior ainda, ver um carro parando próximo a ela e Virgil que saltando.

Ela mergulhou entre duas casas, parando para recuperar sua respiração. À frente, ela viu as luzes brilhantes de um centro comercial da vizinhança. Se ela apenas pudesse chegar até lá, talvez pudesse descobrir o que fazer em seguida. Movendo-se tão rápido quanto pôde, Anya conseguiu alcançar o conjunto de lojas cercadas por um estacionamento cheio de veículos e uma multidão de compradores se movendo de uma loja para outra.

Anya olhou freneticamente ao redor. Ela poderia abordar uma destas pessoas? Não, eles pensariam que ela era louca. Mas de alguma maneira ela precisava conseguir ajuda. No mesmo instante ela pensou em seu chefe. Ela só esteve trabalhando lá por três semanas e não o conheceu tão bem. Mas se alguma vez houve um homem que podia fazer ela se sentir segura, era ele. Ele pensaria que ela era a vítima de uma imaginação superativa? Ainda assim, ele estava no lugar certo...

Virgil havia tomado seu telefone celular, junto com sua bolsa. Mas Anya sempre teve o hábito de empurrar trocados em suas calças. Ela enfiou as mãos nos bolsos e os dedos se fecharam em torno das moedas. Ela se permitiu um pequeno suspiro de alívio. Agora, encontrar um telefone.

Havia um restaurante no fim do corredor de lojas. Ele parecia estar ocupado e Anya esperava que ela pudesse entrar e sair antes de Virgil decidir procurá-la aqui. Ela se recostou à parede do pequeno salão de entrada, esperando até que a recepcionista havia acomodado um casal que estava esperando, antes de se aproximar dela.

– Com licença, você tem um telefone público aqui? – Ela esperou que não tivesse soado tão nervosa quanto se sentia.

– Bem ali. – A recepcionista apontou por trás dela sem desviar o olhar do mapa de assentos que ela estava marcando.

Anya tomou outra inspiração tranquilizante. – Me desculpe, mas você também tem uma lista telefônica que poderia me emprestar?

A recepcionista deu-lhe um olhar impaciente enquanto arrastava uma lista telefônica de uma prateleira na bancada e empurrou-a para ela.

Por favor, não deixe haver uma centena de pessoas com seu nome.

Mas a sorte estava com ela. Havia apenas um Augustus D’Amato na lista. Com dedos trêmulos, ela deslizou a moeda na fenda e discou o número.



– Desculpe, o lugar está um pouco bagunçado. – Gus D’Amato destrancou a porta do seu condomínio e a abriu, gesticulando para Anya entrar. – Eu não estava realmente esperando companhia hoje à noite.

– Eu sinto muito, – Anya começou, mas Gus a parou.

¹ No original, *townhouses* (literalmente, “casa na cidade”). Historicamente, no Reino Unido, na Irlanda e em muitos outros países, era a residência de um colega ou membro da aristocracia, na capital ou grande cidade. Muitos desses personagens possuíam uma ou mais casas no campo, onde viviam a maior parte do ano e, durante a temporada social (quando aconteciam os principais bailes e vistas sociais), e quando o parlamento estava em sessão, os colegas e funcionários se mudavam para sua casa na capital.

– Nenhum problema, Anya. Apenas te preparando para a casa de um solteirão.

– Oh. – Ela conseguiu dar um diminuto sorriso enquanto ele a conduzia para a sala de estar. O que ela notou não foi nenhuma desordem, mas a magnífica vista do centro da cidade de San Antonio a partir de sua sala de estar. Uma parede inteira era feita de vidro. Da vantagem do décimo quinto andar do edifício, ela podia ver quase toda a cidade estendida diante dela.

– Uau! – Era tudo que ela podia dizer.

Gus veio por trás dela, quase, mas não realmente a tocando. – Eu às vezes esqueço o quão impressionante isto é. Você gostaria de uma bebida? Café? Chá?

– Só um copo de água gelada, por favor.

Ele a levou a um sofá longo, de couro, e esperou até que se sentou em uma das extremidades. Anya estava grata pelo fato que ele não fez nenhuma pergunta durante o passeio desde o centro comercial. Apenas um agente do FBI iria simplesmente pegá-la, sem perguntas, e trazê-la de volta ao seu lugar para lhe perguntar em que tipo de dificuldades ela tinha se metido.

Ela ainda estava tremendo tanto que quase derramou o copo de água que ele lhe deu. Gus se sentou ao lado dela e colocou suas mãos ao redor das dela, ajudando-a a firmar o copo enquanto ela bebia.

– Obrigada. – Ela colocou o copo sobre o descanso de copo que ele deslizou ao longo da mesa de café.

Agora ela tinha que descobrir a melhor maneira de explicar sua situação. Enquanto ela estava tentando pôr seus pensamentos em algum tipo de ordem, ela tomou seu primeiro olhar realmente bom do homem que a contratou há apenas algumas poucas semanas, e que ainda veio por ela hoje à noite sem hesitar.

Sem o terno e gravata padrão que todos os agentes do FBI parecem favorecer, ele pareceu... diferente. Hoje à noite ele estava usando calça jeans desbotada e uma camiseta preta que se agarrava ao seu musculoso corpo como uma segunda pele. Seu cabelo espesso, castanho, com mechas pelo sol estava ligeiramente despenteado, o suficiente para que Anya quisesse apenas correr os dedos por eles. Olhos castanhos como uísque olhavam de um rosto mais masculino que bonito, com o queixo quadrado, maçãs do rosto altas e agora uma sensual sombra de cinco horas. Os músculos ondularam em seus braços quando ele ergueu a garrafa da cerveja que ele tinha buscado com sua água.

Pare!

Ela estava literalmente correndo por sua vida, apavorada, com a única pessoa que ela ousou pedir ajuda, e ainda, ali estava ela, cobiçando-o e tentando imaginá-lo nu. Seu chefe, de todas as pessoas! Totalmente fora dos limites em qualquer circunstância. Virgil deve ter realmente chacoalhado seu cérebro com aquele duro tapa em seu rosto.

– Eu odeio danificar a mercadoria, – ele tinha dito, – mas você tem que aprender a obedecer ordens, sabe?

Pensando nisso agora, ela tocou em sua bochecha onde ainda estava dolorido e vacilou com o contato.

Imediatamente Gus colocou sua cerveja abaixo, deslizou para mais perto dela e colocou suas mãos em forma de xícara no queixo dela. Seus olhos a estudaram cuidadosamente. Quando seu dedo polegar roçou a sombra em baixo de sua maquiagem, ela estremeceu e seus olhos se escureceram.

– Não se mova, – ele disse lhe disse e dirigiu-se à cozinha. Ele retornou segurando uma bolsa de gelo e uma toalha pequena. – Segure isto contra seu rosto. Ajudará.

– Obrigada. – Ela tomou a bolsa, envergonhada por ele a estar vendo assim. Mas que escolha ela teve?

Gus bebeu sua cerveja por um momento ou dois, dando a ela uma chance de se recompor.

– Certo. – Sua voz era tranqüila. Calmante. – Parece com que você está em algum tipo de dificuldade ou você não estaria me chamando depois de horas. E eu também estou supondo que é algo que você não quer que seus amigos ou família saibam a respeito, ou então não existe ninguém que você pode chamar.

Ela assentiu, abaixando a bolsa de gelo o suficiente para tomar outro gole de água.

Gus sorriu, a curva de seus lábios aquecendo seu rosto.

– Você não trabalhou para mim por tanto tempo, Anya, mas eu tive um bom pressentimento quando eu entrevistei você, e nas poucas semanas que você trabalhou para mim, você realmente me impressionou. Eu estou supondo que você confia em mim enormemente – ou em meu trabalho – ou você não teria me chamado, então que tal me dizer qual é o problema? Vamos ver como eu posso ajudar você.

Anya largou o copo e piscou, as lágrimas queimando suas pálpebras. Ela estava tão envergonhada, tanto por sua estupidez quanto por sua ingenuidade, e ela não tinha certeza por onde começar.

Gus ainda estava sentado perto dela no sofá. Ele estendeu uma mão e suavemente enxugou a umidade em suas bochechas. Por um breve momento, flashes de consciência relampejaram por ela, uma reação tão inesperada que a chocou. Então, da mesma maneira, rapidamente desapareceu, e ele era o Sr. D’Amato, o homem para quem ela trabalhava, e ela estava vivendo em um pesadelo.

– Vamos, – ele insistiu em uma voz suave. – Vamos ver o quão ruim isto realmente é.

Anya sabia que ela tinha que dizer a ele. Ele era sua única fonte de ajuda. E certamente seu trabalho o colocou em uma posição para salvá-la, ainda que fosse de sua própria estupidez. Ela abaixou o olhar, incapaz de olhar para ele enquanto falava.

– Eu-eu me mudei para San Antonio um tempo atrás porque eu queria algo mais do que Burdette tinha para oferecer. Duas de minhas amigas se mudaram para cá, também, e nós vemos umas às outras uma vez por semana.

– Não soa muito ruim até agora. – Sua voz era profunda e lenta, envolvendo-se em torno dela como um pano aveludado. Por um momento ela só queria mergulhar nele e se desligar do mundo feio.

– Eu não cheguei à parte ruim ainda. – Ela reteve uma respiração trêmula e expirou. – Eu sempre fui um pouco... tímida. Não o nome no topo de lista de encontros de todo mundo. Então quando eu choquei-me com Virgil e ele me convidou para sair, eu não prestei atenção ao que Stella e Amy disseram. – As lágrimas se reuniram novamente e escorriam por seu rosto. – Então, hoje à noite... – Ela reteve outra respiração trêmula.

– Tome seu tempo. Nós não temos nenhuma pressa.

Ela deu a ele um sorriso aguado. – Você deve fazer isto muito.

Ele sorriu. – Salvar lindas donzelas?

O sorriso desapareceu. – Eu estou longe de ser linda. É por isso que eu fiquei tão lisonjeada quando Virgil... Quando ele... Mas depois ele trouxe aqueles homens... Ele me bateu... Aquelles homens...

Ela se desmanchou em lágrimas, incapaz de continuar.

Gus a puxou suavemente para seus braços, suas mãos a acalmando, mas ela sentiu uma tensão súbita em seu corpo. – Você, por um acaso, não estaria falando sobre Virgil Branson, não é?

Ela ergueu sua cabeça. – Sim, por quê? Como você sabe Virgil?

Suas mãos a apertaram por um breve momento.

– Querida, Virgil Branson tem sido um espinho em meu lado por mais tempo do que eu posso lembrar. Eu nunca acreditei em destino antes, mas eu estou malditamente certo sobre isso agora. Caso contrário, o que teria feito você me chamar hoje à noite?

– Você conhece Virgil? – Ela franziu a testa, intrigada.

– Eu vou conhecê-lo ainda melhor. Vamos conseguir para você algum chá quente, com um pouco de conhaque, e nós vamos ter uma longa conversa. Eu quero ouvir tudo o que você pode me dizer sobre Virgil Branson. Tudo.

Capítulo Dois

Seis meses mais tarde

Anya sorriu quando Gus apagou a luz do banheiro, tirou a cueca e deslizou na cama ao lado dela. Ela amou a sensação de seu corpo grande, duro e o calor que ele emanava. Ela ainda mal podia acreditar em tudo o que tinha acontecido desde aquela noite em que ela o chamou, temendo por sua vida. Nos últimos seis meses Virgil Branson tinha sido detido por dirigir uma rede de prostituição, uma que era apoiada por um cartel importante e que enviava suas mulheres por todo o mundo. Vendia-as como um pedaço de mercadoria.

Anya, Stella e Amy tinham sido as principais testemunhas em seu julgamento. Agora suas amigas tinham sido realocadas, Virgil estava em uma prisão federal, e ela e Gus estavam construindo uma vida juntos. Algo que ela nunca teria imaginado em seus sonhos mais selvagens.

Gus deslizou um braço por baixo dela e a puxou em direção a ele. Ela amou a sensação do seu corpo contra o dela, músculos duros sob a pele lisa. E ele sempre tinha um cheiro tão bom – aquela combinação deliciosa de sabão, ar livre e macho que era distinto de Gus. Pressionando seu nariz contra seu ombro, ela inalou profundamente, tomando seu odor dentro dela.

– Eu pergunto-me se eu alguma vez conseguirei o suficiente de tocar você. – A voz dele já se tornando mais profunda com o desejo.

– Eu ainda tenho que me beliscar para acreditar que isto está acontecendo, – ela disse a ele.

– Oh, eu penso que eu deveria ser o único a te beliscar. – Ele levou um mamilo entre o polegar e o indicador e apertou-o ligeiramente.

Calor disparou diretamente para sua vagina, umidade a inundando e sua pulsação disparando. Ele podia fazer isso com ela com apenas um toque?

Anya correu uma mão suavemente pelo espesso cabelo em seu tórax, enrolando as pontas nos dedos e buscando seus mamilos. Quando ela raspou suavemente a superfície deles sua respiração silvou lentamente.

– Querida, você gosta de acender meu fogo, não é? – Ele abaixou a cabeça para capturar o lóbulo de sua orelha com os dentes, em seguida, arrastou a língua ao longo da coluna de seu pescoço.

Anya estremeceu em antecipação. Ela nunca teria sonhado que uma mulher de tal sexualidade vivia sob sua pele. Sua experiência tinha sido limitada e sua auto-estima baixa, especialmente depois que Virgil falou doce com ela com o único propósito de vender seu corpo a quem pagasse mais.

Mas a partir dessa primeira noite, quando ela o chamou por ajuda, Gus tinha sido atencioso e protetor, persuadindo-a a deixar sua timidez. Ele a ensinou que o sexo com a pessoa certa podia ser maravilhoso. Que a maioria dos homens não era como os poucos com quem ela tinha estado, tateando sem experiência. Ou brutais, como Virgil e seus clientes. Ele a ensinou a responder às necessidades do corpo dela assim como do dele. E a receber seu toque.

E Gus deu a ela a força para testemunhar contra Virgil e para convencer Amy e Stella a fazerem o mesmo. Ele a abrigou em seu apartamento e depois em sua cama, ensinando a ela os prazeres do amor erótico. Conforme o vínculo emocional entre eles cresceu, ela se abriu para ele como uma flor. Agora, não se passava um dia sem que ela não ansiasse o toque de sua boca sobre ela, seus dedos, seu pênis dentro dela.

Ela teve que se transferir para outro escritório, claro, mas afortunadamente havia uma vaga em um no mesmo andar. Sempre que ele parava para verificar como ela estava, ela se perguntava se alguém notava o olhar ardente que eles trocavam.

Agora ela esfregou seu corpo contra o dele de uma forma que alimentou o prazer de ambos. Gus moveu uma mão ao longo de suas curvas com uma carícia leve como uma pluma que enviou calafrios através dela.

– Você sempre se sente tão bem para mim, – ele murmurou, sua cabeça mergulhando para capturar um mamilo entre seus lábios. – Sua pele parece como seda fresca, mas existe tanto calor em baixo disto. – Ele mordiscava seu queixo. – Mas esse calor é só para mim, não é, querida?

– Claro, – ela respirou. Como se qualquer outro homem a pudesse atrair.

A boca dele continuou sua jornada sensual ao longo de seu pescoço, pausando no oco de sua garganta para pressionar a língua no ponto onde o pulso batia furiosamente. E o tempo todo a mão dele viajou por todos os lugares – suas coxas, braços, ombros. Anya ancorou seus dedos no calor espesso de seu cabelo, segurando nele firmemente enquanto pequenas ondulações de prazer corriam por ela.

Uma palma sustentou um seio em forma de xícara enquanto a boca encontrou seu mamilo, a língua lambendo-o, os lábios puxando-o, os dentes mordiscando em minúsculos beliscões. Anya sentiu a umidade se acumulando em sua vagina e os lábios inferiores inchados com necessidade. Quando ele provocou o mamilo em um ponto inchado, dolorido, ele se moveu para o outro, massageando a carne suave de seu seio enquanto usava sua boca e dentes no broto inchado.

Anya se moveu contra ele, pressionando-se em sua boca e mãos. Ela deixou uma de suas próprias mãos derivar mais para baixo, alcançando o duro e grosso eixo contra sua coxa, desejando tocá-lo, também.

– Uh-uh, – Gus murmurou, a boca contra seu corpo. – É a minha vez de brincar.

Seus lábios viajaram mais para baixo em seu corpo, até que alcançaram os cachos macios cobrindo sua vagina. Movendo-se de modo a seu ajoelhar entre suas coxas, ele as espalhou bem abertas, curvou sua cabeça e espalhou os lábios da sua boceta. Anya havia descoberto que ele amava olhar para ela totalmente exposta, os olhos dele a comê-la. Vislumbres de calor ondularam por ela.

– Eu poderia gastar o resto de minha vida comendo a sua boceta. – A voz do Gus era baixa e crua com a necessidade. – Dobre os joelhos para mim, querida. Daquele jeito que eu gosto.

Anya plantou os pés no colchão, os joelhos dobrados e as pernas tão distantes quanto ela podia. Gus tomou uma longa, lenta, deliciosa varredura de sua língua por todo o comprimento de sua racha, sem urgência, sem pressa. Tomando seu tempo para desfrutar cada bocado. Anya quis gritar para ele se apressar, mas ela sabia, agora, que lento e fácil era sua maneira favorita de fazer amor. Ele sabia como enlouquecê-la. No momento em que ele estivesse pronto para entrar nela, ela estaria tão excitada que ela atingiria o clímax de uma vez, e então, novamente, enquanto ele a fodia.

Com os polegares Gus espalhou os lábios de sua vagina, e então fechou os lábios sobre o clitóris pulsante. Anya resistiu, os quadris levantando-se do colchão enquanto ela se erguia para encontrar sua boca. Gus tomou lentos golpes em sua carne exigente, alternadamente chupando o broto quente e lambendo cada centímetro dos lábios internos de sua vagina. Quando ele mergulhou a língua dentro de seu canal molhado, ela estava meio louca de desejo.

Ele era tão engenhoso com aquela língua, empurrando-a dentro e fora da mesma maneira como ele faria mais tarde com seu pênis. Sua língua esfregou ritmicamente contra as paredes flexionadas de sua boceta, alcançando em profundidade e enrolando a ponta para atingir

aquele oh, lugar tão doce que a enviou girando em espiral. Empurrando seus quadris para ele, ela tentou trazê-lo mais fundo dentro de si.

Ao invés disso, ele retirou sua língua e desenhou círculos concêntricos em torno de seu clitóris. Uma e outra vez, e ao redor. Anya se agarrou ao lençol, cavando seus punhos nele e apoiando os pés no colchão. Ela quis que ele a deixasse vir, para levá-la para aquele lugar maravilhoso, com fogos de artifício e de veludo preto, mas esse não era estilo do Gus. Ela já tinha aprendido isso.

Erguendo a cabeça, ele lambeu a parte interna de cada coxa com atormentadores toques de sua língua larga, plana, deixando sua vagina vibrando com necessidade. Ele plantou beijos na parte interna de cada joelho, deslizou suas mãos até a parte alta de suas coxas, e então ao redor para as bochechas de seu traseiro. Com um movimento hábil, jogou-a sobre sua barriga e a puxou sobre seus joelhos. Então ele estava beijando seu traseiro, aqueles toques leves como de borboleta, que fizeram o pulso em seu baixo ventre tremer com a excitação.

Gus trocou de modo que seu corpo estivesse sobre o dela, circulou-lhe os pulsos e ergueu suas mãos, sujeitando seus dedos em torno da estrutura da cabeceira

– Segure firme, querida. – Sua voz era áspera e crua. – Fique exatamente assim.

Ele alcançou os travesseiros e colocou-os em baixo dela, empilhando-os para que o corpo dela pudesse descansar neles. Anya estremeceu em antecipação. A primeira vez que Gus a tomou trás, ela tinha ficado assustada, excitada, apavorada, um turbilhão de emoções conflitantes. Mas como tudo o mais, ele tinha sido lento, amoroso, ignorando suas próprias necessidades crescentes para excitá-la até o ponto em que ela desejasse isso tanto quanto ele o fazia.

Mas ainda assim, ele nunca a levou lá. Será que esta noite seria a noite? À medida que ela foi conhecendo Gus, durante os últimos seis meses, ela aprendeu que ele era um homem de grandes apetites sexuais. Ela também descobriu que ele manteve uma grande parte de si mesmo escondida, preocupado por assustá-la, sabendo quanto sua breve experiência com Virgil e sua operação a tinha traumatizado. Ele não sabia que ela confiava nele mais do que em qualquer outro homem ela já conheceu? Que ela estava pronta para o que fosse que ele queria? Desejava?

Ela meneou suas nádegas, esperando enviar a ele um sinal de algum tipo.

Sua risada era baixa e gutural. – Ficando ansiosa, não é? Eu gosto disso. Minha tímida pequena flor está florescendo completamente. – Ele colocou um beijo de boca em cada bochecha de suas nádegas antes de se inclinar sobre ela e roçar sua boceta com seus dedos engenhosos.

Ele sabia exatamente onde e como tocá-la para aquecer seu sangue e fazer suas terminações nervosas chiarem. À vontade dentro dela de explorar ainda mais com ele, empurrar o invólucro erótico, cresceu mais forte cada vez que eles fizeram amor.

Anya agarrou as barras da cabeceira e balançou seus quadris enquanto os dedos de Gus beliscavam seu clitóris, esfregavam os lábios de sua boceta e sondavam bem fundo em seu canal faminto. Ela fechou os olhos, se rendendo ao prazer que percorreu seu corpo.

Mais, mais, mais!

As palavras gritavam em sua cabeça.

Então ela ouviu o som bem-vindo de uma folha metálica se rasgando e visualizou Gus rolando o preservativo sobre seu grosso pênis inchado. Os músculos dentro de sua vagina se contraíram em antecipação.

Em outro segundo a ponta de seu membro sondava em sua entrada. Suas mãos apertadas em seus quadris enquanto ele empurrava devagar, mas firmemente, entrando nela um pouco de cada vez.

Até o fim! Até o fim, Gus! Eu não sou uma boneca de porcelana.

– Eu estou machucando você? – Ela ouviu a tensão em sua voz enquanto ele lutava por controle.

– Não. – Ela empurrou de volta nele. – Porra, Gus. Eu estou sempre dizendo a você. Eu não tenho medo com você. Me tome. Duro.

– Muito bem, querida. – Ele deslizou para fora muito lentamente, então bateu dentro dela. Ela sentiu a cabeça larga cutucando a entrada para seu útero e estremeceu de prazer.

– Sim. – Ela balançou de volta novamente. – É isso que eu quero. Eu não vou me quebrar, Gus. Me foda, duro.

– Segure firme, então.

Seus quadris rolaram à medida que ele se retirou e deslizou de volta, cada golpe mais duro e mais rápido que o anterior. Mantendo uma mão em um quadril para estabilizá-lo, Gus alcançou ao redor para seu clitóris e puxou-o entre dois dedos. Enquanto ele mergulhava dentro e fora dela, seus dedos puxavam para frente e para trás no mesmo ritmo.

Cada vez mais duro Gus dirigiu dentro nela, trabalhando-a para trazê-la para a borda. Anya sentiu um foguete de calor glacial através de si e o clímax se construindo em seu baixo ventre. Ele a percorreu explodindo, ao mesmo tempo em que ela sentia Gus endurecer atrás dela, sinalizando o início de seu próprio orgasmo. E então eles desabaram juntos, estremeecendo com a força de sua liberação, os músculos de sua boceta o ordenhando.

Ele gritou o nome dela enquanto se esvaziava dentro nela, os jatos quentes de seu sêmen se despejando na fina proteção de látex.

Finalmente eles estavam esgotados. Gus se esticou até soltar os dedos dela das barras, então se inclinou sobre ela, o coração martelando contra suas costas e se misturando com sua própria pulsação. O único som no quarto era o raspar áspero de suas respirações à medida que eles lutavam para trazer o ar para seus pulmões.

Quando se recuperou o suficiente, Gus se retirou dela e se dirigiu ao banheiro para dar fim ao preservativo. Anya empurrou os travesseiros em direção à cabeceira e rolou sobre suas costas, uma sensação de preguiça satisfeita rastejando através dela, tornando seus membros fracos. Ela sorriu para si mesma, lembrando de cada momento de prazer carnal que seu acoplamento trouxe para ela.

Como sua vida tinha mudado em apenas seis meses. Seu sucesso no trabalho deu a ela confiança. Sua relação com Gus a fez acreditar em si mesma, acreditar que ela podia ter tudo isso. Ela supôs que ela tinha que agradecer a Virgil Branson por isso. Se não fosse por ele, ela não teria chamado Gus aquela noite e não estaria onde ela estava agora.

Gus deslizou na cama ao lado dela e inclinou a cabeça para beijá-la, sua língua traçando a linha de sua boca antes de provocar dentro. Mas este não era um beijo faminto. Era gentil. Terno. Um beijo que prometia tantas coisas. Ela se deleitou nele, puxando a cabeça de Gus para baixo, mais apertado nela, ancorando seus dedos em seu cabelo. Ela amava isto, que cada vez eles faziam amor, depois ele a abraçava, mostrando seus sentimentos de tantas maneiras.

Ela tinha acabado de se ajeitar em forma de “conchinha” contra ele, os braços dele ao redor dela, quando o telefone tocou.

– Merda. Quem é que quer de mim agora? – Ele agarrou o telefone. – É melhor isto ser condenadamente bom. – Entretanto seu corpo inteiro enrijeceu. – O quê? Você está brincando comigo? Dane-se tudo para o inferno, de qualquer maneira. – Ele escutou um pouco mais. – Certo, certo. Nós estamos a caminho. – Ele recolocou o telefone, se inclinou e beijou a bochecha dela. – Nós precisamos levantar, Anya. Nós temos que ir para o escritório.

– O que está errado? – Seu coração quase parou de bater. – O que está acontecendo, Gus? Ela podia sentir a raiva subindo dele em ondas. – Virgil Branson escapou.

Capítulo Três

Havia dez pessoas na sala de conferência no corredor do escritório de Gus. Anya conhecia dois deles pelo nome. Os outros eram todos estranhos à exceção do seu chefe, Jimmy Broughton. Todos tinham canecas cheias de café e outra porção estava sendo preparada em uma pequena mesa no canto. Ela tentou dar sentido ao que todo mundo estava dizendo, mas seu cérebro parecia estar preso em primeira marcha. Nada tinha penetrado desde que Gus tinha entregue a mensagem terrível.

Ela se sentou perto de Gus, tremendo interiormente, mas fazendo o seu melhor para manter o controle externo. Em seus jeans e camiseta vestidos às pressas, ela se sentiu não só amarrotada, mas também exposta, como se todos no quarto pudessem ver por baixo de sua roupa e descobrir o que ela e Gus estiveram fazendo.

Embora ele fosse todo negócios, Gus tomou suas mãos nas dele, segurando firmemente, seu calor e força penetrando-a com uma garantia de que ela precisava desesperadamente.

– Este é o truque mais velho do livro, – ele disse novamente. – Fingir estar doente, ser transferido para a enfermaria da prisão e então cair fora. Mas ele teve ter tido ajuda. E ele tinha que ter isso definido antes do tempo.

Jimmy Broughton estava andando de um lado para o outro. Estava assim desde que todos eles chegaram e colocaram o problema.

– Eu tenho alguém nisto, – ele lhes disse. – Nós estamos verificando os registros de visita assim como seus registros de atividade no último mês. Nosso melhor palpite é que, além da ajuda externa, ele subornou alguém na enfermaria. Nós estamos arrancando a história de todo mundo que trabalha lá.

Um homem de jeans e uma camisa pólo amarrotada levantou-se para encher a caneca de café.

– Se você me perguntar, existe realmente demais dessa merda acontecendo agora mesmo.

– Verdade, – Jimmy concordou, – mas isso não resolve o nosso problema. Nós precisamos descobrir quem e como. E mais importante, onde Branson está agora. Aquele homem é um psicopata perigoso.

As palavras dele gelaram Anya até os ossos. Ela certamente não precisava ser lembrada da mente fria e retorcida de Virgil escondida por baixo daquela aparência encantadora. Ou das coisas que ele tinha planejado para ela depois que ele “a tivesse quebrado”. Anya apertou seus dedos ao redor dos de Gus e ele deu apertão de compreensão. Ela se perguntou se alguma vez estaria segura desse homem. Se alguma vez seria capaz de relaxar e apreciar sua nova vida com Gus.

– Você deveria nos deixar colocá-la em uma casa segura longe daqui, – Jimmy continuou, olhando diretamente para Gus. – Ela estará fora de perigo e você pode nos ajudar a apanhar este bastardo.

– Não. – Gus não gritou, mas não havia mal-entendidos no poder em sua voz. – Ela fica comigo.

– Inferno, Gus. Tome uma decisão com seu cérebro para variar. Vocês dois podem estar em perigo.

– Eu lidarei com isto. Ela fica.

Jimmy empurrou suas mãos por seu cabelo. – Escute, eu só ...

– Jimmy.

O homem na cabeceira da mesa falou. Anya o reconheceu como Dean Barton, o agente especial encarregado do escritório de San Antonio e o homem a quem tanto Gus como Jimmy

se reportavam. Anya o encontrou apenas uma vez, mas todos os agentes falavam dele com total e absoluto respeito.

– Sim, chefe? – Jimmy parou de andar e se virou para o investigador².

– Deixe Gus lidar com isso do jeito dele. Nossa primeira ordem de ação é descobrir quem ajudou Virgil. Isso nos dará uma idéia de onde ele poderia estar se escondendo. Ou pelo menos a quem interrogar sobre isto.

– Eu gostaria de colocar minhas mãos em quem quer que seja, – Gus rosnou. – Eles despejariam suas entranhas em dez segundos.

Dean meneou a cabeça. – Realmente, Gus, você vai ter que manter um perfil baixo aqui.

– Espere um minuto, – Gus começou.

Dean o interrompeu. – Você tem outras prioridades. – Ele olhou para Anya. – A segurança da senhorita Kane está no topo da lista. Eu estou fazendo sua missão cuidar pessoalmente disto.

Anya sentiu Gus enrijecer ao lado dela.

– Eu já percebi isso. Mas isso não quer dizer ...

– O que isso significa é que nenhum de vocês pode voltar para sua casa. Nem mesmo para recolher seus pertences pessoais.

Anya firmou seu aperto na mão do Gus enquanto se inclinava para frente. – Mas para onde nós iremos, Sr. Barton?

Ele deu a ela um sorriso cansado. – Eu tenho uma casa segura preparada. Apenas vocês aqui nesta sala saberão qual delas é. Eu te prometo, você estará segura lá, senhorita Kane.

As palavras dele foram, de algum modo, reconfortantes, mas ela colocou toda a sua confiança em Gus. E ela deixaria os detalhes por conta dele. Ele disse a ela, na noite em que ela o chamou, que ele não iria decepcioná-la, e ele não o fez.

– É fundamental para mim, ter um canal de comunicação sobre tudo o que está acontecendo, – Gus protestou.

Dean assentiu. – E você terá. Jimmy será seu contato quando eu não estiver disponível. Você saberá tudo o que estiver acontecendo em todos os momentos. Eu precisarei utilizar o seu cérebro porque você investigou o caso original.

– Que tal um reserva? Alguém com olhos e ouvidos enquanto nós dormimos?

– Esta é uma das coisas que nós discutiremos depois desta reunião.

Anya recostou-se em sua cadeira, deixando o resto da discussão passar por dela. Ela ainda estava tentando absorver o fato de que Virgil Branson estava livre. Ele tinha olhado no olho dela quando ele saiu da sala do tribunal e declarou:

– Eu vou matar você, coisa doce. Você não pode se esconder de mim.

Um calafrio a percorreu enquanto ela se lembrava da promessa mortal e ela arrastou sua cadeira ligeiramente mais perto de Gus.

Finalmente pareceu que a reunião estava terminada. Todo mundo tinha suas atribuições e estava se dirigindo para suas mesas ou seus carros para iniciar. Dean Barton os deixou por um momento, retornando em seguida, carregando uma grande maleta de alumínio, que entregou para Gus. Então ele trancou a porta e se sentou em frente à Anya e Gus, empurrando o caso para Gus.

– Sua bolsa de ida, – ele disse a Gus. – Abra-a quando você chegar onde você está indo.

Gus assentiu e esperou o investigador continuar.

² No original, usa-se uma sigla – SAIC (Special Agent in Charge) – e é normalmente o título oficial muitas vezes atribuído a investigadores criminais federais.

– Obviamente, nós não sabemos quão extensa é a rede do Branson, – ele lhes disse. – É muito maior do que nós pensamos. Gus, é completamente possível que ele saiba de sua relação com senhorita Kane e está ciente de que os dois estão vivendo juntos. Ele pode até mesmo ter alguém vigiando sua casa.

– Eu já percebi isto, – Gus disse a ele.

– Assim que finalizar alguns detalhes aqui, que nós vamos tirar vocês deste edifício e fazer um pouco de isca e troca.

Anya tentou se concentrar enquanto Dean examinou cuidadosamente os detalhes com Gus. Ele explicou, entre outras coisas, que alguém já tinha feito compras de roupas e qualquer outras necessidades eles pudessem precisar. Que tudo estava esperando por eles na casa segura. Mas tudo que ela ouvia era um zumbido em sua cabeça, um resultado da tensão prendendo ela. Por que ela tinha aceitado aquele primeiro encontro com Virgil? Ela tinha sido tão estúpida, uma idiota crédula de cidade pequena. Ela não tinha estado ciente, até o julgamento, do quão pouco como o “bom e velho menino” Virgil realmente era. Na verdade, ele era um empresário cruelmente mal, negociando carne humana, com uma rede que se estendia globalmente.

Anya olhou para Gus, sua testa franzida em preocupação. – E quanto às minhas amigas Stella e Amy? Ele as seguirá, também.

Pena relampejou nos olhos do Dean. – Eu odeio dizer isto, senhorita Kane, mas se elas estavam com Virgil de boa vontade quando você as viu da última vez, é possível que elas já estejam em sua rota.

– Oh, Deus, eu espero que não. – Ela torceu suas mãos juntas. – Você pode verificá-las? Por favor? Isto é possível?

Dean assentiu. – Eu me certificarei de enviar agentes para avaliar essa situação. Se elas ainda estiverem por aí, nós lhes ofereceremos proteção.

– Obrigada, – ela respirou.

– Certo, então. – Dean se levantou e bateu sua mão na mesa. – Hora de ir, – ele disse, e olhou diretamente para Gus. – Está tudo pronto?

Gus assentiu e apressou Anya de sua cadeira. Curvando sua cabeça para baixo, ele sussurrou, – Eu prometo que tudo ficará bem. Eu cuidarei de você e te manterei segura.

– Eu confio em você, – ela sussurrou de volta. Mas ainda estava assustada.

Ela agarrou-se em Gus enquanto Barton os levava da sala de reuniões para o elevador. Em torno deles, a atividade zumbia nos vários cubículos, apesar da hora irreal. Em lugar de pressionar o botão para nível do estacionamento, Dean tirou uma chave do bolso e a deslizou em uma fechadura minúscula no painel de elevador.

– Nós não precisamos de companhia neste momento, – ele lhes disse. – Isto é por via das dúvidas.

Ele apertou o botão superior e eles seguiram em silêncio para o telhado. No momento em que Dean abriu a porta de metal pesado para o telhado, Anya ouviu um barulho estranho e uma brisa forte derrubou de sobre seus pés. Ela protegeu os olhos contra o vento e viu um helicóptero preto esperando com a hélice já em movimento.

Eles se dirigiram para o helicóptero, curvando-se para evitar o movimento da hélice. Gus ajudou Anya a subir primeiro e fez sinal para ela se afivelar. Então ele subiu ao lado do piloto, acenou para Dean e fechou a porta. Em segundos eles estavam se erguendo do telhado. Anya cruzou as mãos firmemente em seu colo e tentou para não olhar para a cidade diminuindo abaixo deles.

Anya desfez a mala que tinha sido deixada para ela com quase nenhum interesse. Ela apreciava o fato de que alguém tivesse se dado ao trabalho de descobrir – ou fez um bom trabalho em adivinhar – seus tamanhos e tentou escolher coisas que iriam agradá-la, mas a roupa era a última coisa em sua mente. Seus movimentos eram quase automáticos enquanto ela arrumava suas coisas, e as de Gus, na pesada cômoda de carvalho e no grande closet. Gus estava na sala de estar com John Randolph, o agente que os tinha encontrado no campo de aterrissagem e os levou para este bairro calmo e agradável.

John os levou pela casa, mostrando a eles todas as precauções de segurança – os sensores em volta da casa, as câmeras no telhado e nas árvores que alimentavam um computador na sala, as telas de arame em torno das portas e janelas. Agora os dois homens estavam trabalhando em seus turnos de serviço. Ela esperava que John se encarregasse das noites, assim ela poderia sentir o corpo morno do Gus ao lado dela durante a noite. De outro modo, ela não tinha certeza de que pudesse dormir.

Ele me encontrará, não importa o que eles façam. Ele nunca desiste. Ninguém vai contra ele.

Por que ela pensou que ela poderia ser a exceção?

Uma cena relampejou através de sua mente, a segunda noite que ela tinha estado na grande casa de Virgil. Ela tinha ouvido sons vindos do andar de baixo, discutindo e então chorando. Cautelosamente ela tinha aberto a porta do quarto onde ele a tinha trancado. O homem que sempre permanecia de guarda no corredor de cima ouviu o rangido da porta dela abrindo e veio sobre ela num instante.

– Fecha a maldita porta, cadela. – Ele pairava sobre ela, uma horrível montanha de homem. – Você foi ordenada a não sair do quarto. Isso significa manter a porta fechada.

Anya tinha fechado, mas deixou aberta o suficiente para ver e ouvir. O choro continuou, um som perdido, sem esperança.

– Maldito seja, Virgil. – Uma voz estridente de homem. – Supunha-se que você iria amaciar ela para mim. Que diabos aconteceu?

Anya sabia tudo sobre o “amaciar”. Virgil explicou para ela em um grande discurso como ela seria preparada para os homens com paus extremamente grandes. Como seus homens tomariam turnos com ela até que ela aprendesse como agradá-los e desenvolvesse a atitude apropriada para seus clientes. Clientes, claro, sendo um eufemismo para os homens muito ricos que compraram as meninas dele como qualquer mercadoria.

Às vezes, à noite, quando ela esperava com medo para ver se ele enviaria alguém por ela, ela ouvia os gritos das outras sendo brutalizadas e puxava o travesseiro sobre a cabeça, tentando barrar o som.

Mas aquele dia ela conheceu que um homem asiático muito rico, que tinha vindo para fazer uma seleção. Virgil as tinha visitado, uma de cada vez e informado.

– Você não, docinho, – ele disse para Anya, segurando seu queixo em um aperto brutal. – Eu não tenho você corretamente preparada ainda.

Ela tinha esperado, aterrorizada, para ver se ele realmente queria dizer isso ou se ela seria posta para a seleção com as outras. Então ela ouviu o choro e os gritos, um som alto! Como um bofetão seguido por um grito que congelou o sangue de Anya.

– Idiota! – O homem asiático tinha gritado. – Eu não as quero se você as cortar em pedaços.

– Sem problema, – Virgil tinha dito naquela sua voz macia. – Eu tenho muito mais de onde essa veio.

Foi quando Anya soube que ela tinha que escapar a qualquer preço. Estar morta era melhor do que aquilo que Virgil tinha reservado para ela.

E o porquê ela acreditou nele, naquele dia no tribunal, quando ele disse que a mataria. Nem mesmo Gus ou todos os outros agentes do FBI poderiam detê-lo. O conhecimento impassível tinha se estabelecido dentro dela, sugando sua vida.

Deprimida, ela se sentou na cama, ainda segurando um suéter em suas mãos, e enterrou seu rosto no tecido suave.

– Hey, hey, hey! O que é isso?

Ela não tinha ouvido Gus entrar no quarto, mas de repente ele estava lá, tirando o suéter de suas mãos, levantando-a e depois sentando-se com ela em seu colo.

– O que foi, querida? – Uma mão quente acariciou de cima a baixo sua espinha. – Você está com a cara horrível.

Anya enterrou seu rosto no tórax dele. Ela não gostava de falar sobre essas coisas com Gus, embora ela já tinha dito a ele cada horrível, doloroso detalhe na noite em que ele a salvou. Depois ela teve que repetir tudo para seu depoimento formal e novamente no tribunal. Mas apenas o pensamento do que poderia ter acontecido com ela – o mesmo que aconteceu com as outras – a faziam se sentir suja. Ela não queria que isso tocasse o que ela tinha com Gus, não quando ela tinha chegado tão longe em sua relação.

– Ele nunca vai me deixar ir. – Sua voz estava abafada contra sua camisa.

Gus deslizou sua mão quente em seus cabelos e embalou a nuca de seu pescoço, inclinando sua cabeça para traz para olhar para ele.

– Sim, ele vai.

Ele disse que isto com tanta finalidade ela quase podia acreditar nele.

– Me escute, querida. – Ele beijou sua testa. – Eu dou a você minha palavra que você vai ficar segura. Que Branson vai ser capturado e trancafiado na prisão novamente. Que dessa vez não haverá nenhum engano, uma vez que nós colocarmos nossas mãos nele novamente. E você pode levar isso para o banco³ com você.

Anya agarrou sua camisa em seus punhos e se escondeu contra a parede dura de seu tórax.

– Você não sabe o quão demoníaco ele é. Oh, Gus, estou tão assustada.

– Nós vamos passar por isso. – Ele pressionou beijos leves em sua testa e bochechas, embalando-a contra seu corpo. – Você precisou de muita coragem para contar para mim o que aconteceu e em seguida passar por isso. E ainda mais para você ter se levantado no tribunal e repetido tudo, com Virgil Branson sentando ali mesmo. Mas você fez isto. E nós vamos superar isso juntos, também.

As mãos dele estavam vagando por seu corpo, carícias que procuravam acalmar e tranquilizar. Mas, apesar da precariedade de sua situação, as carícias logo se transformaram em outra coisa. Anya sentiu seu pau endurecer sob seu colo, a sensação criando umidade em sua boceta e endurecendo seus mamilos. A boca de Gus moveu-se para seus lábios, sua língua traçando a forma deles. Uma mão se moveu em forma de xícara sobre um seio através do material suave de sua camiseta, o polegar raspando o mamilo. Seu eixo flexionado contra suas nádegas.

Anya deu um suave gemido e pressionou-se em seu toque, sua boca se abrindo para aceitar sua língua. Então, sem aviso prévio, ele separou sua boca, levantou-se e deixou de costas sobre a cama.

³ Não tenho muita certeza do que essa expressão significa, mas me faz pensar em banco de reserva, tipo de jogo de futebol. Mais ou menos como “você já pode descansar, porque o jogo está ganho”. (me corrijam se eu estiver errada...)

– Dê-me um minuto. Eu preciso certificar-me que John está a uma quadra de distância e eu vou dizer a ele que nós vamos dormir um pouco mais antes do sol surgir.

No momento em ele retornou para o quarto, Anya tinha arrancado suas roupas e estava na cama com os lençóis puxados até o queixo. Ela estava tremendo tanto de medo quanto do ar fresco. Ela precisava do calor do Gus para afugentar os calafrios e o terror. Quando Gus subiu na cama ao lado dela, ela entrou em seus braços e se encolheu contra ele.

– Eu ainda não sei como você pode até mesmo me tocar, – ela sussurrou. – Você sabe, depois de tudo que eu te contei.

– O que você me disse não foi sobre você, – ele disse a ela. – Foi sobre Virgil Branson e seus negócios do mal. Eu sei que o que aconteceu hoje à noite trouxe tudo de volta, querida, mas nada do que Virgil fez ou ameaçou fazer poderia fazer diferença em quem você é ou no que eu sinto por você. Você chegou tão longe, Anya. Nós estamos construindo algo tão bom. Não deixe ele tirar isto de você. De nós.

– Oh, Gus, – ela meio soluçou. – Me ajude.

– Feche seus olhos, – ele instruiu. – Isso. Agora. Basta pensar em mim. Esta é a minha mão se movendo sobre você. Minha boca chupando e sugando. Minha língua lambendo seu corpo. Apenas eu, Anya. Apenas eu.

As mãos dele derivaram através de seus seios, firmando cada um deles em forma de xícara antes de beliscar ligeiramente cada mamilo. Ele traçou uma linha do pulso em sua garganta até seu umbigo com a ponta da língua, erguendo seu corpo para ele enquanto ele rolava e lambia

De repente, Anya soube o que ela tinha que fazer. O que ela precisava fazer para conseguir isso a respeito dela e deles e não o pesadelo ela pensava que finalmente tinha desaparecido. Empurrando-o, ela rolou sobre seus joelhos e o empurrou deitado de costas.

As mãos dele se levantaram e agarraram seus braços. – Você não precisa fazer isto.

– Sim, – ela protestou. – Eu preciso. E eu quero.

Os primeiros três dias em que Virgil a manteve na casa dele, vindo ao seu quarto a qualquer hora, falando doce enquanto ele a despiu de suas roupas e a examinava como se ela fosse um pacote em exibição, ela se preparou mentalmente para atacá-lo de qualquer modo que ela pudesse se ele tentasse fodê-la. Penetrá-la. Colocar seu pau dentro dela.

Mas esse não tinha o primeiro item em sua lista de tarefas. A boca, ele tinha dito a ela. Era aí onde o verdadeiro talento estava, e a dela era feita justamente para o que ele queria. Durante semanas, depois de se mudar com Gus, sua boca travava apenas lembrando a imagem de si mesma, ajoelhada no chão, nua, mãos amarradas atrás das costas, enquanto Virgil agarrava sua cabeça e mergulhava dentro e fora de sua boca.

Tinha levado semanas para Gus convencê-la que o que Virgil fez e o que ele queria para eles dois eram mundos separados. A primeira vez em que ela hesitantemente tomou seu eixo rígido em sua boca, saboreando a pele aveludada com sua língua e lambendo a cabeça lisa, ela movia-se lentamente, forçando Virgil para fora de sua mente. Mas o prazer que ela deu a ele tinha sido tão intenso que ela realmente esperava ansiosamente fazer isto novamente. E mais uma vez.

Agora ela sabia que isso era o que ela precisava fazer para pôr este novo pesadelo em seu lugar. Para lidar com o que estava acontecendo e saber em sua própria mente que o que ela tinha com Gus era algo verdadeiramente especial.

Ajoelhando-se ao lado dele, ela cobriu seu saco pesado com uma mão e envolveu os dedos da outra mão em torno de seu pênis pulsante. À luz suave do abajur ao lado da cama, ela podia ver o quão escura era a cabeça, e o quão espessa era a gota minúscula de fluido já escorrendo da fenda. Ela fez uma tentativa furtiva com a língua por toda a superfície, sentindo uma onda de poder passar por ela quando um gemido estrangulado escapou de sua garganta.

O som a animou. Ela firmou seu aperto na raiz de seu membro e abaixou a cabeça sobre ele, levando-o em sua boca tão profundo quanto podia. Ela esperou, tensa, para que o sentimento de medo voltasse, aquele que Gus tinha banido com amorosa paciência e atenção. Mas a essência de Gus a preenchia tão completamente, não deixando nenhum espaço para mais nada.

Rolando seu saco em seus dedos, ela chupou seu membro em sua boca tão profundamente quanto podia, estabelecendo um ritmo constante. A grossa veia que se envolvia redor de seu eixo pulsava contra sua língua, sua ereção se flexionando e aumentando enquanto puxava e o dirigia. Seu pequeno punho movendo-se acima e abaixo, no mesmo ritmo que sua boca enquanto seus dedos continuavam a apertar e brincar com suas bolas.

Gus ergueu uma das mãos para enredar os dedos em seu cabelo, mas puxou-os de volta rapidamente. Ela descreveu para ele tão vividamente como Virgil tinha segurado sua cabeça no lugar, que ele mesmo se forçou a não repetir nada que pudesse lembrá-la daquela ação. Mas essa noite ela precisava que ele fizesse isto, para apagar todos os vestígios de memória daquela ocasião horrível. Momentaneamente retirando seus dedos do seu pênis, ela estendeu as mãos e colocou-as contra sua têmpora. Ela segurou seu pulso em um aperto firme até que ele finalmente enroscasse seus dedos através da cascata de seu cabelo, sua boca fazendo sons pequenos de satisfação.

Anya sorriu em torno da largura de seu membro, deleitando-se com seu toque. O escorregar de seus dedos por seu cabelo lembrou a ela que este era Gus, não alguém a ser temido. Gus, que a ensinou como apreciar o seu corpo e o dele. Gus, que deu a ela um santuário e um futuro.

Enquanto movia sua cabeça e dedos para cima e para baixo, ela se perdeu no ritmo e no sabor dele. Tudo desapareceu, exceto Gus, seu corpo, e sua maravilhosa resposta a ela. Ao seu lado, ele ficou tenso, suas mãos cerradas em punhos, o corpo se arqueando para encontrar sua boca. Seu gosto era inebriante, sua resposta muito mais. Cada vez mais rápido, ela se moveu, seus dedos ocupados manipulando suas bolas na pele suave de seu saco pesado.

– Jesus! – Ele gemeu.

Anya trabalhou mais duro, sua boca se estirando ao redor sua ereção, a língua lambendo, os dedos ocupados, até que seu corpo inteiro se tencionou e arqueou quase fora da cama. Ele explodiu em sua boca, vindo em grandes jorros. Ela tragou tão rápido quanto pôde, seu sêmen cobrindo sua língua e sua garganta, o deslizamento deste aquecendo seu corpo e enviando solavancos de paixão para sua boceta.

Ela o chupou até que a última liberação jorrou de seu corpo e então lentamente deslizou sua boca pelo comprimento até a cabeça, deixando seus lábios deslizarem por ele em uma última carícia.

Gus ainda tinha os dedos emaranhados em seu cabelo e exerceu uma leve pressão para persuadi-la a se mover de cima dele. Seus pulmões se esticaram por ar e, enquanto ela deitava a cabeça em seu tórax, ela podia ouvir o pesado *staccato* da batida de seu coração, um som que lhe deu imenso conforto.

– Você é incrível, – ele disse conforme conseguia respirar novamente. – Incrível. Espantosa. Inacreditável.

Ela sorriu contra seu tórax. – Eu não penso assim, mas eu adoro as palavras.

Ele deslizou as mãos sob seus braços e puxou-a até que o rosto dela estivesse no mesmo nível que o seu.

– Sente-se melhor, querida?

– Mm-hmm. – Seu calor penetrou-a, expulsando os últimos vestígios de frio.

– Mas eu acho que nós não fizemos isso direito. – Ele inclinou a cabeça de modo que ela estava olhando diretamente em seus olhos.

- O-O que você quer dizer?
- Eu quero dizer, *eu* deveria estar cuidando de *você*. Fazendo que *você* se sentisse melhor.
- Seus dedos sapatearam para cima e para baixo em sua espinha.

– Uh-uh. Você está sempre me fazendo sentir muito melhor que bem. Esta noite eu quis saber que eu poderia fazer isso por você. Que o seu prazer veio de mim.

Ele olhou diretamente nos olhos dela, como se tentando enxergar até o fundo da sua alma.

– Você não sabe que você me faz sentir bem só por estar comigo? Anya, o melhor que eu já tive não chega nem perto de como isso é bom. E só com você. Virgil Branson é um animal, um inseto, e nós vamos esmagá-lo. Eu não deixarei você pensar menos de si mesma por causa dele.

O nó que tinha apertado seu estômago quando o telefonema veio, que parecia alcançar em cada parte de seu corpo e enrolar mais firmemente que um carretel de linha, se desfez com um estalo inconfundível! Ela inalou o perfume maravilhosamente familiar de Gus e colocou beijos como plumas em seu queixo e na linha da mandíbula.

– O que eu faria sem você? – Ela suspirou.

– Isto é algo que eu não pretendo descobrir. – Ele a rolou de lado, posicionou-a em forma de colher contra ele e puxou as cobertas sobre ambos. – Hora de dormir, querida. Eu tenho a sensação de que amanhã vai ser um dia cheio.

Capítulo Quatro

Apesar de toda a atividade da noite anterior – de todos os tipos – Gus se levantou às seis na manhã seguinte, muito nervoso para permanecer na cama. Ele se banhcou e se vestiu o mais silenciosamente que pôde, dobrando as cobertas ao redor dos ombros de Anya e pousando um beijo em sua testa antes de se dirigir para a cozinha. Durante o sono, a expressão dela era desprotegida e vulnerável e se coração se condoeu pelo que ela estava passando. Quando ele encontrasse o filho da puta que tinha libertado Branson, eles teriam dificuldades em afastar o cara de suas mãos nuas.

Ele ainda se assombrava do quanto aquilo tinha crescido entre ele e Anya desde a noite em que ela o chamou, desesperada por ajuda. A história dela tinha feito suas entranhas queimarem de raiva por pessoas como Branson que não eram nada além de vendedores ambulantes de carne. Ela tinha sido a chave para destravar o caso que ele estava tentando construir contra Branson, um presente inesperado que caiu em seu colo.

E, além disso, havia a relação que alcançou os cantos mais escuros da sua alma, trazendo luz. Tinha sido necessária muita paciência para construir a confiança dela, e até mais pra ensinar a ela que o amor erótico em todas as suas formas ela agradável para os participantes. Anya tinha sido sexualmente ignorante, e assustada até a morte depois de sua experiência com Branson. Mas eles tinham chegado tão longe agora.

Pensando sobre a última noite, ele sorriu para si mesmo, lembrando a sensação da boca dela ao redor de seu pênis ereto. Foi-se a sua timidez, substituída por uma mulher cujos apetites tinham crescido para coincidir com os seus próprios. Com a imprevisibilidade do seu trabalho, sem mencionar a escuridão com a qual ele trabalhava constantemente, ele nunca teria esperado ter esse tipo de relação. E ele iria ter uma maldita certeza de que nada acontecesse com ela.

Uma jarra de café recentemente preparado permanecia na máquina sobre o balcão. John Randolph entrou pela porta de trás quando Gus tinha acabado de encher uma caneca para si mesmo.

– Tudo certo lá fora? – Gus perguntou.

John assentiu. – Quietos como uma tumba. Como está a nossa menina?

– Dormindo. Eu quero dar a ela o máximo de descanso possível. Alguma palavra do nosso chefe, já?

– Ele telefonou quase uma hora atrás. – John encheu sua própria caneca. – disse que eles têm uma porção de pontas perdidas, mas nada concreto. Ele enviou uma equipe para a prisão para interrogar todo mundo lá. Especialmente o pessoal da enfermaria. E ele tem Jimmy trabalhando com o pessoal dos registros de visitantes.

– Eu gostaria de matar esse imbecil por conta própria, - Gus murmurou. – Branson e quem seja que o ajudou. – Ele tomou um logo gole da bebida quente. – Gostaria de um café da manhã antes de deixar seu turno?

– Claro, se você estiver cozinhando.

– Isso me mantém ocupado. – Gus disse-lhe, e remexeu o armário por panelas.

Ele tinha acabado de quebrar os ovos em uma tigela quando seu celular tocou. Lançando as cascas de ovos na pia, ele desprendeu o telefone do cinto e o segurou contra sua orelha.

– D’Amato.

– É Jimmy.

– Conseguiu alguma coisa já? – Houve uma longa pausa, o suficiente para deixar Gus nervoso. – Jimmy, esta não é uma pergunta difícil. Apenas uma resposta sim ou não.

– Não exatamente. – A voz do homem soou estranha. – Você está sozinho?

Gus olhou sobre seu ombro. John tinha desaparecido em algum lugar, talvez para verificar a alimentação da câmera. – No momento. O que diabos está errado?

– Eu me deparei com algumas coisas enquanto rastreava os visitantes dos registros. – Outra pausa. – Gus, alguma coisa não está batendo aqui.

– O que você quer dizer? – Gus ficou tenso, deixando os ovos por um momento.

– Os nomes no registro de Branson? Nenhum deles é real.

Gus quase derrubou o telefone. – Que porra é essa? O que você quer dizer com eles não são reais?

Jimmy estava quase sussurrando agora. – Eu quero dizer, há assinaturas nos registros e até mesmo algumas cenas de vídeo, mas os nomes não levam a nada. Eles são todos falsos.

Gus firmou seu aperto no celular, quase o esmagando. – Se isso é verdade, há mais do que um par dos comparsas de Virgil Branson arranjando uma maneira de libertá-lo. Você sabe disso.

– Entendido⁴. Isso significa que tem uma maçã podre na prisão.

Gus trouxe de volta uma onda de bile. – Ou no escritório.

Mais silêncio. – Gus, eu odiaria pensar que o último possa ser verdade. Nós colocamos nossas vidas na linha todos os dias com as pessoas com quem nós trabalhamos.

John tinha voltado para o aposento agora e estava olhando para Gus interrogativamente.

– Problemas?

Gus agitou a cabeça. – Nada que nós já não sabíamos. Ou para ser mais exato, mais coisas para que nós não temos respostas. O café da manhã está pronto em um instante se você quiser tomar uma ducha primeiro.

Quando John se dirigiu ao banheiro, John voltou sua atenção para o telefonema. – Jimmy, se você estiver certo, isso significa que nós podemos confiar um no outro e apenas isso.

– Nem mesmo Dean, – Jimmy concordou, – embora eu não pense que nosso destemido líder esteja em nossa lista de suspeitos.

– Agora mesmo, por mais que eu odeie dizer isso, *todo mundo* está nessa lista. Você vai continuar investigando, certo?

– Sim. Eu vou revisar as fitas dos visitantes por conta própria assim como chamar o diretor. E começar a olhar todo mundo aqui no escritório para ver se eu consigo encontrar a conexão com Branson.

– Mantenha sua cabeça baixa, – Gus o advertiu.

– Na verdade, eu decidi ir para casa e trabalhar de lá. E posso entrar nos arquivos que eu preciso do meu computador.

– Jimmy, não invada o sistema, – Gus advertiu. – Eles vão encontrar suas *cybers*-digitais.

– Confie em mim, parceiro, eu sei o eu que estou fazendo. E ser apanhado em qualquer coisa não está na minha agenda. Mas se alguém no nosso escritório está conectado com Virgil Branson, isso significa que nós não conseguimos realmente a história toda no julgamento dele.

– É verdade, – Gus concordou. – Nós nunca descobrimos como ele recebe seus assim chamados “clientes” aqui, debaixo do radar, e como ele consegue tirar as mulheres. Ou movê-las por aí.

– Certo. Nós apenas focamos na operação aqui em San Antonio. Muito bem. Cuide das suas costas, ok?

– O mesmo para você.

⁴ No original, “Roger”, a letra “R” do alfabeto militar, e significa “ok”, “entendido”.

Gus ligou a chamada. Devolvendo o telefone à capa em seu sintô, ele voltou sua atenção ao café da manhã. John estaria fora do banheiro em pouco tempo e Gus tinha que se recompor para ter certeza de que ele não deixaria escapar nada, faria ou diria qualquer coisa que desse a John uma dica do que estava acontecendo.

Ele pensou em pedir uma substituição para a vigília da noite, mas sabia que pareceria muito suspeito. Ele apenas teria que descobrir como lidar com isso quando ele estivesse dormindo. Pena que ele não pudesse ter Jimmy aqui, mas o outro agente tinha trabalho a fazer. Sem ele, Gus poderia nunca descobrir como a coisa tinha explodido na cara deles.

Se havia uma pessoa em quem ele confiava, era Jimmy. Eles eram amigos desde a faculdade, e que se aplicaram ao FBI juntos, passaram pelo treinamento no Quantico juntos, e arranjaram de serem designados para o mesmo escritório de campo. Mas doía-lhe pensar que qualquer um dos outros homens e mulheres com quem ele trabalhava pudessem estar envolvidos nisso. Especialmente seu chefe, Dean Barton. Mas ele tinha aprendido, muito tempo atrás, que as pessoas frequentemente não eram o que elas aparentavam. Agora mesmo, as únicas pessoas em quem ele confiava eram Jimmy, Anya e ele mesmo.



O dia se arrastou interminavelmente, ou assim pareceu para Anya. Gus estava nervoso como um tigre enjaulado, embora ele tentasse seu melhor para ocultá-lo. Ela estava certa que algo novo tinha surgido, embora não importasse quantas vezes ela lhe perguntou, ele simplesmente continuou negando.

Ele trocou diversos telefonemas com Jimmy, todas conduzidas em uma voz baixa, frequentemente até mesmo se retirando do aposento para falar.

– Não me deixe de fora do circuito, – ela finalmente disse a ele, encurralando-o no pátio, quando estava terminando uma chamada.

– Eu não estou, querida. Eu te prometo, quando houver algo para saber, você será a primeira.

Mas ele não chegou a olhar para ela quando disse isso, e o estômago dela se contraiu com a ansiedade. Ele tomou tempo para mostrar a ela como as câmeras de segurança funcionavam, onde elas estavam colocadas, onde os sensores estavam localizados e onde a eletrônica controlando tudo estava. Tudo parecia bem, mas ela não conseguia se livrar da sensação de desconforto que se aninhava nela.

Finalmente ela fez a ele a pergunta que ninguém tinha estado disposto a responder até agora.

– Como Virgil realmente fez sua fuga? Obviamente ele não saiu simplesmente andando. Nem mesmo da enfermaria.

Gus tinha acabado de se servir de uma xícara fresca de café. Agora ele serviu uma para ela e se sentou na mesa da cozinha com ela.

– Parece que alguém, um dos visitantes que nós estamos verificando, de alguma maneira lhe trouxe algo que ele pôde usar para ficar doente. Quando eles o levaram às pressas para a enfermaria, ele foi deixado sozinho com a enfermeira e um guarda. Jimmy pensa que os dois podem estar envolvidos. É a única coisa que explica como ele saiu do hospital com tanta facilidade.

Ela franziu a testa. – O que você quer dizer?

– Eles tinham que ser os únicos a chamar a ambulância falsa e deixá-los removê-lo na maca.

– Eu pensei que o Sr. Barton disse que estava enviando alguém para a prisão para falar com eles. – Ela ressaltou.

Gus assentiu. – Ele fez, mas não chegou a lugar nenhum. Eles alegam que fizeram a chamada normal por uma ambulância e é isso. Apenas os registros de telefone não mostram uma chamada para a fonte que a prisão usa e nem o guarda, nem a enfermeira estão dizendo mais nada. Depois da primeira visita dos agentes eles pediram um advogado e é isso.

Anya correu o dedo em torno da borda da caneca. – Isso significa que nós nunca encontraremos nada? Especialmente para onde Virgil foi e se ele sabe onde eu estou?

– Querida. – Gus alcançou através da mesa. – Nós encontraremos. Eu te prometo. E não há maneira de que ele descubra onde você está. – Ele lhe deu um sorriso torto. – Além disso, como você pode se preocupar comigo aqui para te proteger?

Ela tentou se ocupar pelo resto do dia, mas a televisão não prendeu seu interesse, nem ela conseguia se concentrar em qualquer dos livros da estante. Quem fosse que tinha preparado essa casa, tinha cuidado de tudo, exceto de como controlar seu medo ou pôr sua mente em repouso.

Na hora do jantar, John apareceu e Gus grelhou bifes para todos, enquanto Anya fazia a salada. Pelo menos isso deu a ela algo para fazer. Ela insistiu em limpar enquanto John e Gus se preparavam para trocar os turnos. Finalmente, já era suficientemente tarde para que ela fosse para o quarto, esperando que essa noite fosse capaz de dormir.

Ela tinha acabado de tirar seus jeans e camiseta e se dirigido para o banheiro quando a porta se abriu e a presença de Gus encheu o aposento.

– Eu só estava indo tomar um banho, – ela disse a ele. – Eu pensei que isso poderia me ajudar a relaxar e dormir melhor.

Ele veio por trás dela, colocou suas mãos em sua cintura e inclinou a cabeça para morder o lóbulo de sua orelha. – Eu acho que tenho uma prescrição melhor para relaxar você.

– Oh? – Ela recostou-se nele. – E o que poderia ser?

– Vamos para o chuveiro e lhe mostrarei.

Anya lançou seu sutiã e calcinha sobre suas outras roupas enquanto Gus se despiu e lançava suas próprias roupas de lado. Ele caminhou na frente dela para o banheiro, ligando o chuveiro e ajustando o spray. Quando a água estava suficientemente quente para satisfazê-lo, ele levantou Anya e entrou no grande chuveiro com ela. Ela deslizou por seu corpo para ficar na frente dele, e o olhou.

Os olhos dele se escureceram para um chocolate profundo e minúsculas luzes de âmbar dançavam em suas íris. Fome aprofundou as linhas de seu rosto. Quando sua boca desceu até a dela, ela ergueu o rosto para encontrá-lo, os lábios entreabertos. Segurando seu rosto com suas grandes mãos, ele chupou levemente seu lábio inferior, puxando-o gentilmente e lambendo-o com a ponta de sua língua.

Calor disparou por ela, as paredes de sua vagina formigaram e seus mamilos se esticaram para pressionar-se com seu tórax musculoso. Ele mordiscou e chupou seu lábio até que cada parte de seu corpo parecia estar em fogo e suas pernas tremiam. Ela se agarrou em seus braços, amando a sensação de sua pele, enquanto a água jorrava sobre ele.

Quando sua língua varreu em boca, ela a encontrou com sua própria, duelando com ele, chupando-o, puxando-o profundamente no interior de sua úmida caverna. Suas mãos se deslizaram até suas costelas e ao redor para segurar seus seios em forma de xícara. Seus polegares esfregaram seus mamilos já doloridos. Anya pressionou seu corpo contra o dele, a espessura de seu pênis empurrou contra seu ventre, abrasando-a com seu toque.

Anya deslizou uma mão por baixo dele para enrolar seus dedos ao redor de sua grossa seta, acariciando-a para cima e para baixo, como ela fez na noite anterior, arrancando um rosnado do fundo de sua garganta. Ele mordeu sua língua e arrastou seus dentes por toda sua superfície antes de deixar sua boca para traçar beijos molhados no comprimento de sua mandíbula e abaixo, por seu pescoço.

Ela esfregou seu polegar sobre a cabeça aveludada de seu pau, pressionando levemente para dentro da fenda. Gus balançou os quadris em seu toque, enquanto beijava o caminho até seu pescoço e o pulso em sua garganta e abaixo para o vale entre seus seios.

Sem aviso prévio, ele moveu sua mão para longe dela e a levantou para colocá-la no banco embutido. Caindo sobre seus joelhos, ele separou suas coxas e mergulhou sua língua por seus cachos molhados até os lábios já pulsantes de sua boceta. Anya teve que se apoiar em seus ombros enquanto sua muito engenhosa língua mergulhava e lambia e rodava, sem deixar nenhuma parte de sua vagina intocada.

Ela se agitou em necessidade enquanto tremores corriam por ela, afundando suas unhas nos ombros de Gus enquanto procurava permanecer ereta. O clímax começou a se construir em seu baixo ventre e ela jogou sua cabeça para trás, esperando que ele a alcançasse. Mas enquanto ela pairava na borda, Gus se retirou e abruptamente a virou. Seus dedos se enrolaram em torno dos ela enquanto ele levantava seus braços e posicionava suas mãos abertas contra a parede.

– Não se mova, – ele disse asperamente. – Fique exatamente assim.

Anya fechou os olhos e recostou-se contra a parede, ainda tremendo, e em um momento, ela sentiu as mãos fortes de Gus se esfregando espuma em seu pescoço e nos músculos das costas. Ela estremeceu enquanto seus dedos massagearam e esfregaram e trabalharam torções que ela nem sabia que tinha. Então suas mãos se moveram para seus tornozelos, esfregando e massageando, varrendo o comprimento de suas pernas acima e abaixo, os dedos apenas roçando a fenda sob seus cachos.

Gus aproximou seus lábios de seu ouvido. – Respire fundo, querida. Eu te prometo que isso vai ser bom de verdade.

Suas grandes mãos espalmaram suas nádegas, esfregando e amassando, antes de passar a esfregar a espuma na racha entre suas nádegas. Seus dedos se moveram para cima e para baixo, esfregando o comprimento do estreito vale, a cada vez passando sobre o músculo apertado do seu ânus. E a cada vez ela estremeceu, a pulsação em sua vagina batendo pesadamente, um calor glacial correndo por ela.

Faça!

Ela queria gritar as palavras. Queria sentir seus dedos finalmente dentro dela. Para abraçar o escuro sentimento erótico que ela sabia que esperava por ela fora de alcance.

E então ele fez, empurrando um dedo passando pelo músculo apertado, correndo o dedo revestido liso em seu reto em um deslize lento, firme. Ela prendeu a respiração e se apertou em torno dele.

– Calma, – ele sussurrou. – Respire fácil, querida. Isso fará você se sentir realmente bem.

Anya respirou fundo e exalou lentamente, e enquanto o fazia, Gus deslizou outro dedo ao lado do primeiro. Ele os moveu, em movimento de tesoura, estirando os tecidos muito apertados, os movimentos desses dedos enviando fragmentos de calor ígneo diretamente para sua boceta. Ela pressionou o rosto contra a parede lisa pela água, seus seios arfando contra os azulejos enquanto Gus sondava cada vez mais profundo.

Uma de suas mãos serpenteou ao redor de sua frente e espalhou espuma em círculos sobre seus seios, abaixo por seu estômago, em seus cachos e finalmente entre os lábios de sua boceta. E todo o tempo seus dedos engenhosos se moviam dentro e fora de seu reto com golpes firmes.

Dessa vez ela não sentiu o clímax se construindo. Ele bateu nela sem aviso prévio, sacudindo-a como uma folha em uma brisa de outono, suas pernas tremendo, cada músculo em seu corpo se estreitando. Gus fodeu com os dedos seu ânus e sua vagina com movimentos coordenados, extraindo seu prazer, levando-a cada vez mais alto até que ela estava certa de que não havia mais lugar para ir.

Enquanto ela ainda esta se agitando em espasmos, Gus retirou as duas mãos e a girou.

- Nãããão, – ela lamentou, as mãos batendo nele.
- Está tudo bem. Sua voz era grossa e rouca. – Espere.

Seus olhos estavam fechados, mas ela ouviu o rasgar do alumínio, o estalo do látex e então Gus a estava levantando e empalando-a em seu pau duro como rocha.

- Envolve suas pernas ao redor de mim. – Ele a persuadiu.

Ela travou seus tornozelos na parte de baixo de suas costas e seus braços ao redor de seu pescoço. Sua boca tomou a dela enquanto sua língua se insinuava dentro. E então ele começou a se mover, balançando seus quadris, a língua se movendo dentro e fora de sua boca no mesmo ritmo em que seu membro se movia dentro e fora de seu corpo. O orgasmo que não tinha terminado completamente devorou-a de volta a vida mais forte do que nunca. O corpo de Gus se enrijeceu, suas mãos se apertaram sobre ela e ele esmagou sua boca contra a dela novamente enquanto sua própria liberação o consumia. Ela foi lançada em um redemoinho, girando fora de controle. Cada parte de seu corpo tremendo e puxando. Gus batendo nela, de novo e de novo. Não havia nada que ela pudesse fazer a não ser agarrar-se para o passeio.

Apenas a água se esfriando a chocou com uma consciência de onde ela estava e o que estava acontecendo. Não havia um músculo em seu corpo que não se sentia como se tivesse sido estirado e amaciado como aço temperado. Ela estava certa de que se ela tentasse ficar em pé, cairia de rosto.

Gus enterrou o rosto em seu ombro por um longo tempo. Finalmente ele usou o que tinha de água quente para lavar seu cabelo, massageando com as pontas dos dedos seu couro cabeludo, como tinha feito com seu corpo. Quando eles estavam ambos enxaguados e arrepios começaram a aparecer em sua pele, Gus desligou a água, levantou-a para fora do chuveiro e a enrolou em uma grande toalha de banho. Ele se secou rapidamente antes de voltar sua atenção para ela.

Suas mãos eram gentis enquanto a secavam, retirando a água de seu cabelo e sua pele. Ele até mesmo puxou um secador de cabelos e uma escova do armário de maquiagem e tomou seu tempo para secar seu cabelo, o tempo todo murmurando palavras reconfortantes para ela. Quando ele a carregou para o quarto e a colocou gentilmente na cama, ela estava certa de que uma tigela de gelatina tinha mais substância que ela.

Gus subiu atrás dela e a puxou apertado contra ele, seu braço ao redor de sua cintura, sua mão espalmado seu seio. Anya suspirou contente, quase, mas não completamente, se sentindo a salvo e segura. A arma de Gus sobre o criado-mudo, entretanto, a lembrou que o pesadelo estava longe de acabar.



Por causa do telefonema de Jimmy, Gus dormiu muito levemente. Ele poderia alcançar sua arma com pouco esforço e seu celular estava ao lado, no criado-mudo. A princípio, ele pensou que foi o telefone que o acordou e ficou instantaneamente alerta. Mas quando ele passou por Anya para pegá-lo, a tela estava escura e o telefone não estava vibrando nem tocando no volume baixo que ele tinha definido.

Sendo cuidadoso para não perturbar Anya, ele deslizou para fora da cama e puxou seus jeans e camiseta. Ele andou nas pontas dos pés para a porta do quarto e girou a maçaneta silenciosamente, facilitando a porta abrir apenas uma fresta. Ele permaneceu na escuridão ouvindo cuidadosamente, imaginando o que exatamente o tinha acordado. Por que inferno as luzes estavam todas apagadas? E onde inferno estava John?

Ele se moveu silenciosamente pelo corredor, fechando a porta com cuidado de modo que o ruído seco da fechadura não fosse ouvido. Colando-se à parede, ele fez seu caminho para a sala de estar, sua arma firme em seu punho. A luz da tela da televisão cintilava na escuridão, enquanto as imagens dançavam por ela. À medida que seus olhos se ajustavam a escuridão,

ele olhou ao redor para ver se John tinha adormecido no sofá, ou na grande poltrona reclinável. Se ele tivesse, Gus planejava lhe dar uma boa bronca. Não se supunha que a sentinela noturna dormisse no trabalho.

Mas John não estava em nenhum lugar para ser visto.

Ainda se movendo como um gato sorrateiro, Gus verificou a sala de jantar, a cozinha, o pequeno quarto que eles usavam como estúdio onde a aparelhagem eletrônica estava instalada. Nada. Nenhum John. Nenhum som. A coceira que Gus sempre sentia na nuca quando alguma coisa estava errada estava agindo agora, como se ele tivesse caído em um canteiro de formigas lava-pés⁵.

O monitor no estúdio ainda estava trabalhando, a tela dividida em quadrantes, as páginas mudando constantemente enquanto as vistas das câmeras as alimentavam. Gus as esquadrinhou depressa, procurando por algum sinal de atividade, mas novamente não havia nada para ver. Os pátios da frente e de trás pareciam limpos. Nada se movia.

Maldição! Algo o despertou e ela não iria desistir até descobrir o quê. E para onde John tinha desaparecido.

Colando-se à parede novamente, ele cuidadosamente abriu a porta que levava ao alpendre traseiro. Quando ele o fez, algo caiu dentro da casa e aterrissou aos seus pés. Ele o alcançou pensando que era um pacote de alguma coisa, apenas para encontrar o corpo de John Randolph jogado aos seus pés.

Merda!

Ele o agarrou pelo colarinho da camisa, o puxou para dentro da casa e empurrou a porta para fechá-la. Mas antes que ele pudesse assegurá-la, alguém voou nele, derrubando-o para trás sobre o corpo de John. Instintivamente ele firmou seu punho em sua arma e atacou quem quer que fosse, grunhindo com satisfação quando ele conectou com a cabeça do homem no primeiro golpe. Gus bateu o tambor da arma novamente contra a têmpora do homem mais uma vez por precaução, então o empurrou para fora de suas pernas e tropeçou sobre seus pés.

Ele verificou duas vezes se as venezianas da janela da cozinha e a porta de trás estavam bem fechadas, então pescou em torno de uma gaveta da cozinha por uma lanterna que ele sabia que era mantida ali. Ele iluminou primeiro o intruso, verificando para ter certeza de que o homem ainda estava inconsciente, então deslizou para seu rosto. Um estranho. Ninguém que Gus conhecia ou mesmo tinha visto em fotos⁶.

Então ele voltou sua atenção para John. Ele sentiu o pulso e não encontrou nada, mas o sangue em seu rosto e pescoço do buraco de bala em sua têmpora contou a história. Como inferno o estranho tinha entrado na propriedade sem alertar John? Ou ele tinha uma arma silenciosa e obrigou John quando o agente saiu para verificar? A única coisa boa que saiu disso é que, ao menos, ele soube que John não estava trabalhando com ou para Virgil Branson.

Vasculhando os bolsos de John ele retirou dois pares de algemas e prendeu as mãos e pés do intruso. Ele vasculhou seus bolsos procurando por qualquer tipo de identificação, mas é claro que não encontrou nada. Finalmente ele voltou para o estúdio, encontrou o rolo de fita adesiva na gaveta de lá, voltou para a cozinha e fechou a boca do estranho com a fita.

Então ele fez seu caminho de volta para o quarto. Estava na hora de despertar Anya e conseguir o inferno fora de lá.



⁵ É um tipo comum de formiga, pequena, avermelhada, e cuja ferroadinha é muito dolorosa.

⁶ São aquelas fotografias tiradas dos presos, com uma visão de frente, e uma visão lateral.

– O que você quer dizer, como ele fez para ultrapassar a segurança? – Gus moeu os dentes em frustração. – Como diabos eu deveria saber? Não era eu que estava de vigia.

Ele estava quase gritando no telefone com Jimmy. Tomando uma respiração profunda, ele engoliu sua raiva e escutou seu amigo.

– Eu sei, eu sei. – Jimmy estava tentando acalmá-lo, mas Gus podia ouvir a tensão na voz do seu amigo, que coincidia com a sua própria. – Você sabe o que isso quer dizer, não sabe?

– Que Dean está envolvido? Eu não estou comprando isso. Ainda não.

– Seja sensato. Alguém tinha que saber para onde enviar o sujeito atrás de você.

Gus agarrou o celular ainda mais forte, forçando uma aparência de calma. Ele relanceou para Anya, enrolada na cama no quarto de motel barato, abraçando seus joelhos, os olhos arregalados, o rosto tão pálido quanto os lençóis da cama. Pelo bem dela, ele tinha que se recompor. Ela já estava suficientemente assustada. Ele tinha prometido mantê-la a salvo e, maldito seja, era o que ele iria fazer.

– É melhor você enviar uma equipe de limpeza para a casa, – ele disse agora.

– Já cuidei disso, – Jimmy disse a ele. – Eu não estou dizendo nenhuma palavra sobre isso para ninguém aqui, também. Não até nós sabermos com certeza o que está acontecendo.

– Branson obviamente tem uma organização muito maior do que nós imaginamos, e tem muitas pessoas em seu bolso.

Jimmy bufou. – Merda nenhuma. Tem muito dinheiro por lá, Gus. O dinheiro muda as pessoas. Torna-as gananciosas. As faz esquecerem o que elas deveriam ou não deveriam estar fazendo.

– Você está certo.

– De onde você está telefonando? – Jimmy perguntou. – Eu quase não atendi o telefone porque eu não reconheci o número?

– Um telefone descartável, – Gus disse a ele. – E sem ofensa, mas eu não acho, bem agora, que eu quero dizer para qualquer um onde nós estamos. Nem mesmo você. Desse jeito é mais seguro para você, tanto quanto para nós.

– Aonde vocês planejam ir? Você não pode apenas vaguear de lugar para lugar. Eu ainda acho que você deveria me deixar esconder Anya em algum lugar, então você ficaria livre para fazer o que você tem que fazer.

– Eu me arranjarei. Em algum lugar onde nós estivermos seguros. Onde eu posso trabalhar meus contatos e descobrir que porra está acontecendo. Mas como eu disse, ela fica comigo.

– É seu funeral. – Jimmy pausou. – Bem, a fuga está em todos os noticiários. O diretor está todo em cima de Barton, por causa disso. Se ele for o contato de Branson, eu espero que ele esteja conseguindo dinheiro suficiente para se aposentar em alguma ilha tropical.

Gus desconectou a chamada, pôs o telefone da mesa de cabeceira e se esticou ao lado de Anya. Quando ele tocou sua pele, estava fria como gelo. Puxando-a para seus braços, ele esfregou suas costas e braços, tentando infundir calor nela.

– Você fez bem, querida, – ele a elogiou. E ela realmente o fez.

Quando ele a despertou e explicou a situação, ela não argumentou ou se quebrou, apesar do fato de que ele podia ver o quão apavorada ela estava. Ele percebeu que eles ainda tinham alguns minutos. Quando ninguém veio atrás do sujeito que ele tinha nocauteado, ele tinha assumido que ninguém mais estava lá fora. Mas eles poderiam estar quando seu homem falhasse em se reportar.

Eles tinham se vestido e lançado seus poucos pertences em uma mochila que Gus encontrou no armário. Antes de subir no carro, Bus tinha verificado em todos os lugares, especialmente embaixo, fosse por um dispositivo explosivo ou por um rastreador GPS, mas o

carro, graças a Deus, estava limpo. Ele teve que abrir a porta da garagem manualmente, uma vez que a energia ainda estava cortada e eles não queriam alertar ninguém tão cedo ao restaurá-la. Anya tinha se encolhido sobre si mesma no assento, um espectro silencioso, enquanto ele dirigia para longe da casa segura e tomava a Rodovia Interestadual. Ele tinha sido muito cuidadoso para deixar rastros. Uma parada para comprar celulares descartáveis em uma loja 24 horas antes de se dirigirem para Austin, uma cidade onde eles poderiam se perder até que ele decidisse o que fazer.

– Eu estou assustada, Gus. – A voz dela era pequena, amortecida contra seu ombro.

– Eu sei, eu sei. E por uma boa razão. Mas nós vamos sair dessa.

– O que aconteceu?

Era a primeira pergunta que ela lhe fazia desde que ele a tinha acordado. O fato de que ela apenas fosse com ele, seguindo suas instruções, era uma boa indicação do nível de confiança que ela depositava nele. Ele não planejava fazer pouco disso. Mas ela merecia algumas respostas. Ele se mexeu um pouco na cama e a rolou de modo que estivesse em cima dele, seus braços apertados em torno dela.

– Nós tivemos uma pequena falha, – ele começou.

– Eu diria que é mais que pequena, se nós tivemos que nos esgueirar no meio da noite, – ela ressaltou.

– Sim, mais que pequena. – Ele fez seu melhor para manter o nível da sua voz. Não havia sentido em apavorar Anya mais do que ela já estava. – Jimmy telefonou antes que nós fôssemos para a cama para me dizer que ele acredita que nosso escritório do FBI está comprometido.

– Comprometido? – Ela levantou a cabeça para olhar nos olhos dele. – Exatamente o que isso significa?

Não havia sentido em adoçar isso. – Isso significa que nosso escritório está na cama com Virgil Branson e pode passar-lhe nossa localização. Mas isso não é tudo.

– É por isso que nós tivemos que partir da maneira que fizemos? E quanto ao outro agente?

Ele podia sentir a batida errática do coração dela contra seu peito e apertou seus braços ainda mais.

– Eu não sei o que me acordou essa noite, mas eu estou contente que algo o fez. Anya, John está morto, e alguém tentou entrar na casa. E suspeito que eles tinham ordens de matar nós dois.

– Matar?

Agora ela estava tremendo tanto que ele estava com medo de que ela se quebrasse. Ele beijou sua testa e suas bochechas, esperando tirá-la da extremidade.

– Eu o peguei enquanto ele ainda estava desorientado, deixei-o amarrado e chamei Jimmy para ir buscá-lo. Mas eu tenho que ser honesto. Nós estamos completamente por nossa conta aqui. Pelo menos até Virgil ser capturado.

– M-Mas mesmo então nós não estaremos seguros, – ela protestou. – Não a menos que nós descubramos quem está fazendo seu trabalho sujo.

– O que nós faremos, – ele lhe assegurou. Eu não estou totalmente sem recursos.

Anya se enrolou em uma bola em cima dele. – Mas aonde nós podemos ir?

Ele a beijou gentilmente. – Não se preocupe. Eu tenho um lugar em mente. Enquanto isso, nós estamos seguros o suficiente onde nós estamos por um pequeno período. Nós deveríamos dormir um pouco. Nós vamos precisar disso. – Ele a levantou de seu corpo. – Vamos lá. Vamos tirar nossas roupas e rastejar debaixo das cobertas.

Capítulo Cinco

Anya despertou lentamente, ainda aninhada contra o corpo grande de Gus, os olhos focando em seus arredores. Nada parecia familiar. A princípio, ela pensou que ela estava de volta à casa segura. Então tudo desabou de volta para ela. Nenhuma casa segura. Eles estavam em um motel estranho, aparentemente fugindo de todos.

Ela mexeu-se mais apertado contra Gus e sentiu a dura espessura de sua ereção cutucando contra seu traseiro. Seu braço atado apertado através de sua barriga.

– Continue fazendo isso e eu não vou querer sair da cama. – Sua voz era morna e ainda profunda do sono recente.

– Talvez seja isso o que eu quero. – Ela estava apenas meio provocando.

– Nós temos que nos mover, – ele a lembrou.

– Eu sei. Mas eu te necessito, Gus. Eu preciso da sua força.

Ela sabia que ter sexo – fazer amor – não estava em sua agenda nesse momento em particular, mas ela necessitava desesperadamente dessa conexão. Ela suspirou quando a mão dele sustentou seu peito em concha, o polegar preguiçosamente esfregando para frente e para trás contra seu mamilo. Ronronando com satisfação, ela se apertou mais firmemente contra ele. Sua respiração assobiou em seu ouvido e seu pênis se flexionou contra a fenda de suas nádegas.

– Você está me matando, querida.

– Não, – ela disse a ele. – Eu estou *precisando* de você.

A mão dele se moveu de seus seios mais abaixo para acariciar levemente sua barriga, e abaixo através de seus cachos, dentro de sua boceta onde ela sabia que ele tinha encontrado sua umidade e desejo. Ela balançou para frente e para trás, dando as boas-vindas à pressão de seus dedos em sua vagina, deleitando-se com o calor de resposta que disparou através dela.

A mão de Gus a deixou, seu braço alcançando sua carteira, atrás sobre o criado-mudo. Ele estava desajeitadamente abrindo-a com uma mão, mas eventualmente conseguiu recuperar o preservativo que ele sempre carregava ali; – você nunca sabe onde pode terminar, – ele brincou uma vez; rasgou o envoltório com seus dentes e mal conseguiu embainhar a si mesmo.

Levantando a perna de cima, ele a puxou sobre a sua própria, abrindo-a para ele. Trabalhando sua mão entre eles, ele agarrou seu pênis e empurrou a cabeça na entrada de sua boceta. Não houve preliminares. O perigo de sua circunstância os excitou ao ponto em que nenhum dos dois precisava disso. Ele se empurrou com força contra ela e a encheu, cada centímetro de sua vagina estirado com sua seta inchada.

– Brinque com seu clitóris, – ele murmurou. – Faça isso por mim.

Obedientemente ela moveu uma mão para baixo entre suas coxas, encontrando o broto inchado, saltando ao primeiro contato elétrico. Ela moveu seus dedos para cima e para baixo da maneira que Gus amava fazer, sincronizando os golpes com suas estocadas dentro e fora dela. Seu braço atou firmemente através dela, sua mão segurando seus seios. Ele mordiscou o lóbulo de sua orelha e então traçou as linhas de sua orelha com a ponta de sua língua. Ela estremeceu com as sensações que deslizaram por ela.

Gus pegou o ritmo de seus golpes e Anya balançou seus quadris com ele, tomando-o tão dentro de sai quanto podia a cada punhalada. Sua mão em seu clitóris se moveu cada vez mais rápido. O eixo rígido dentro dela se flexionou e o corpo de Gus se tencionou atrás dela, sinalizando a aproximação do seu clímax. Anya beliscou seu clitóris, duro, e eles desabaram sobre a extremidade juntos.

A brevidade de seu clímax de modo nenhum era uma indicação de sua intensidade. Anya balançou seus quadris contra Gus enquanto ele se dirigia dentre dela de novo e de novo, seu

membro pulsando enquanto ele ejaculava em grandes jatos no preservativo. As paredes de sua boceta convulsionaram ao redor dele, agarrando-o e ordenhando até a última gota.

Por um longo momento os únicos sons no quarto eram suas respirações trabalhosas e os gemidos do aparelho de ar condicionado barato. Anya pensou que seu coração poderia martelar para fora de seu peito antes de finalmente se acomodar em um batimento mais estável. Mas apesar de tudo, apesar da urgência de sua situação, apesar da brevidade de seu acoplamento, havia uma profunda sensação de satisfação e de pertencer estabelecida dentro dela. Não importava o que acontecesse, ela sabia que Gus cuidaria dela e sempre estaria com ela. No meio de tudo isso, uma porta finalmente se fechou sobre seu passado e lhe deu esperança para o futuro.

Ela soltou uma respiração lenta de contentamento, desejando que eles nunca tivessem que se mover dessa posição. Mas, muito rápido, Gus bateu levemente em seu quadril e se retirou dela.

– Eu odeio estragar isso para você, mas nós temos levantar e começar a se mexer.

– Eu sei, – ela suspirou. – A realidade morde, no entanto, não é?

Gus já estava se dirigindo para o banheiro. – Banho, roupas e café da manhã, – ele chamou por sobre seu ombro

– Você tem alguma idéia de para onde nós vamos? – ela perguntou, imaginando se eles iriam apenas continuar se movendo de hotel para hotel.

– Sim. Assim que nós comermos, estarei fazendo uma chamada. Então nós pegaremos a estrada.



Eu devo estar louco de até mesmo pensar sobre isso.

Gus revirou seu plano de um lado para o outro em sua mente, tentando pensar em qualquer outra alternativa. Ele não tinha falado com seu irmão em dez anos, e da última vez esteve longe de ser amigável. Mesmo agora, ele não podia acreditar que ele tinha entrado em uma briga de verdade logo depois do enterro do seu pai. No momento ele tinha tanta ira construída dentro dele, raiva de seu pai por se divorciar de sua mãe, raiva de Rafe por roubar a mulher de Gus. Raiva do mundo. Agora tudo isso parecia tão trivial, especialmente desde que Anya tinha entrado em sua vida. Ele não podia nem mesmo lembrar o que ele tinha visto em Linda Grogan ou por que ele tinha se distanciado do que restava de sua família.

Mas ele tinha poucas escolhas e precisava de um lugar seguro para Anya e de pessoas em que ele realmente podia confiar. Ele só podia esperar que Rafe não guardasse ressentimentos. Ele tomou o café da manhã apenas porque ele sabia que precisava da força, a mesma razão pela qual persuadiu Anya a comer. Quando adiou isso o máximo que podia, dirigiu-se para o sanitário masculino, digitando em seu celular um número que em todos esses anos ele nunca esqueceu.

Gus tamborilou seus dedos na parede enquanto o telefone tocava do outro lado e ele esperava que alguém atendesse. Seria Linda? Ela deixaria que ele conversasse com seu marido? Ou seria Rafe, provavelmente desligando o telefone na cara dele.

– Alô?

A voz era mais profunda, mas ainda assim, tão familiar.

– Olá, Rafe.

Ele se perguntou por quanto tempo o silêncio se prolongaria antes de seu irmão dizer algo.

– Eu serei condenado, – ele finalmente disse. – Essa é uma chamada que eu nunca esperaria receber.

– Você tem todo o direito de desligar, – Gus disse a ele, – mas eu estou esperando que você não o faça. A primeira coisa que eu quero dizer é “Eu sinto muito”. Por tudo.

– É uma boa coisa que eu não guardei ressentimentos do que você fez, – seu irmão disse.

Sua voz não era nem receptiva, nem hostil. Cautelosa, Gus pensou. O mesmo que eu estaria se a situação fosse inversa.

– Eu tenho que dizer isso de novo, Rafe. Eu sinto muito. Eu era um imbecil.

Rafe realmente riu. – Eu sinto muito que você fosse um imbecil, também. Agora que nós tiramos isso do caminho, o que levou a essa chamada depois de dez anos?

– Eu preciso de um favor, – Gus começou, escolhendo suas palavras com muito cuidado. Rafe iria desligar na cara dele, dizendo que se ele não pôde aparecer quando não havia problema, porque ele deveria ouvi-lo agora?

Mas Rafe o surpreendeu. – Me diga o que um pobre rancheiro pode fazer por um importante agente do FBI?

Gus teria terminado o telefonema se a voz de Rafe tivesse sido hostil, mas ao invés, mesmo depois dessa chamada fora do normal, ele mantinha mesma sugestão de humor que ele lembrava como uma parte integrante da personalidade de seu irmão.

– Eu preciso ir para o rancho e ficar por alguns dias. Eu preciso de um lugar que seja fora do radar.

– Você está com problemas?

Rafe sempre parecia saber em que tipo de giro colocar as coisas.

– Sim e não. – Quanto dizer a ele? – Não eu, realmente. Uma... uma amiga muito boa.

Bus percebeu quão grosseiro isso era. Ele tinha se afastado de seu irmão por dez anos, agora queria que ele deixasse Gus trazer perigo para a vida segura que ele tinha construído.

– Ouça, não importa. – Ele não podia fazer isso. Que diabo ele tinha estado pensando, de qualquer maneira. Anya. Ele tinha estado pensando sobre ela. – Eu encontrarei outra solução.

– Quão longe vocês estão?

– Aproximadamente uma hora e meia.

Rafe pausou novamente, Gus quase podia ouvi-lo pensando.

– Apareça. Eu direi a Linda. Então eu posso levar ela e as crianças para os pais dela.

Crianças. Merda, ele não tinha pensado sobre isso.

– Rafe...

– Vejo você então.

Gus se encontrou segurando um telefone morto. Bom, isso era o que ele tinha esperado, certo? Ele apenas esperava não conseguir seu irmão morto agora que eles finalmente trocaram palavras de novo.



Gus dirigiu diretamente para o rancho como se ele nunca o tivesse deixado, seu carro indo para casa como um cachorro rastreando um cheiro. Ele tinha dito a Anya onde eles estavam indo e ela olhou para ele estarrecida, mas o que fosse que ela viu em sua face tinha sido suficiente para matar as questões que ele sabia estavam se formando em seu cérebro.

Ele virou na estreita estrada de duas pistas que levava ao rancho e a primeira coisa que ele viu foi a pesada floresta de árvores que crescia a partir da linha da cerca atrás da casa. O carvalho e o cedro da montanha⁷ e a algarobeira⁸ tinham estado lá desde sempre. Seu pai

⁷ Tipo de pinheiro, que é sempre verde e tolerante à seca, muito comum na região centro-sul dos Estados Unidos, principalmente na região central do estado do Texas.

sempre dizia que gostava da privacidade que eles lhes davam, e Rafe e Gabe tinham usado a privacidade das árvores para jogos quando crianças, e outros, menos brincalhões, quando envelheceram.

Ele seguiu o calçamento de cascalho entre as árvores até que eles alcançaram a clareira onde o rancho realmente começou. E lá estava, o lugar que ele tinha evitado por tanto tempo. Rafe tinha pintado a casa do rancho e fez muito trabalho duro para pôr o lugar em forma. Isso era muito evidente. Gus tomou um momento para se embeber da cena – a casa do rancho cercada pelos carvalhos que forneciam um dossel de sombra. Pastagens sem fim se estiravam em direção ao norte, dois deles cheios com gado, homens a cavalo controlando-os. Pastoreando-os.

Gus se lembrou de todos os anos de crescimento quando seu pai tinha ensinado aos dois meninos as complexidades da pecuária de sucesso, mas Rafe foi o único que se envolveu com isso. E falando no diabo, ele deve tê-los ouvido chegando e estava esperando por eles na varanda da frente, seu corpo tão alto e magro como sempre, mas agora mais musculoso. Seu cabelo escuro cortado curto e sua pele bronzeada de trabalhar ao ar livre. Próximo a ele estava uma loira esbelta, pressionada contra seu lado.

Linda!

Ele não a tinha visto desde a noite horrível quando ele deixou o rancho. Agora ele esperava pela dor aguda da traição para espetá-lo, mas ela poderia muito bem ser uma estranha. Sua mente e coração tinham espaço apenas para Anya.

Gus estacionou o carro na área de cascalho ao lado da casa e deu a volta para abrir a porta para Anya. Ela hesitou, mas ele tomou sua mão firmemente na dele e a puxou.

– Vai dar tudo certo, – ele disse a ela. – Eu prometo. – Ele tinha dado a ela uma explicação superficial sobre a situação da sua família no caminho desde Austin, sem amenizar seu próprio comportamento. Não foi uma conversa garantida para fazer qualquer um deles se sentir à vontade. Especialmente a parte sobre Linda, que ele tinha ocultado. Mas sem nenhuma outra boa opção disponível, ele estava determinado a fazer o melhor proveito da situação para manter Anya a salvo. E esperava que depois de dez anos ele e Rafe pudessem descobrir como serem irmãos novamente.

Anya apertou seus dedos ao redor dos dele enquanto ele a levava para o alpendre. Ele esperou que Rafe fizesse o primeiro movimento, mas surpreendentemente foi Linda quem tomou a liderança. Deixando o lado de seu marido, ela se apressou degraus abaixo para Gus, deu-lhe um breve abraço, então se virou para Anya.

– Eu estou tão feliz de conhecer você, – ela disse em sua voz suave. – Eu só desejava que pudesse ter sido sob circunstâncias diferentes. Bem-vinda a nossa casa.

– Obrigada. – A voz de Anya era igualmente macia e mais suave. – Eu sinto muito que nós estamos nos intrometendo desse jeito.

Linda sorriu, o sorriso que uma vez aqueceu o coração de Gus, e então o rasgou em pedaços. Agora era só... um sorriso. Ela ligou seu braço com o de Anya e arrastou-a para longe de Gus.

– Entre na casa. Você deve estar um desastre. Eu tenho café e chá então apenas me diga qual você prefere. – Ela guiou Anya acima pelos degraus do alpendre e dentro da casa, mantendo seu suave tagarelar. Fazendo Anya não se sentir tão fora de lugar.

Gus e Rafe permaneceram na área do estacionamento olhando um para o outro. Medindo-se. Deixando o passado lavar sobre eles... e esperançosamente para longe.

⁸ Tipo de planta muito comum em regiões semidesérticas ou muito secas, o que inclui a porção leste do estado do Texas.

Gus limpou a garganta. – Eu não posso dizer o quanto eu aprecio você nos deixar vir aqui.

Por um momento, Rafe não disse nada. Então ele avançou e espremeu seu irmão em um abraço de urso.

– Bem-vindo a casa, Gus. Já era um maldito tempo.

Gus não podia dizer nada. Sua garganta estava muito entupida com emoção. Ele apenas permaneceu lá, pendurado a seu irmão.

– Eu não estava certo, – ele começou, então parou. – Eu não sabia se você...

Rafe apertou seus ombros. – Família é família, Gus. Nós temos deixado essa coisa continuar por muito tempo. Eu acho que é porque você e eu somos ambos imbecis muito teimosos. Muito mal que precisou de algo como isso para derrubar tudo.

– Minha culpa, – Gus disse grosseiramente. – Tudo na minha cabeça.

– Não importa. Você está aqui agora e nós vamos fazer o que pudermos para ajudar.

– Eu pensei que você disse que Linda estava indo para seu pessoal com as crianças? E, a propósito, quantos filhos você tem? Estou envergonhado de dizer que eu nem mesmo sei.

Rafe riu. – Deixe-me te dizer, aquela é uma mulher teimosa. Disse que ela não estava para ser expulsa. Além do mais, ela pensou que poderia ser útil ter outra mulher aqui.

A garganta de Gus se apertou de novo. – Obrigado, – isso era tudo o que ele pôde administrar. Ele não tinha nenhum direito de esperar nada dessas duas pessoas, e ainda eles abriram sua casa como se o passado nunca tivesse acontecido.

– E nós temos dois: Jared que tem oito anos e Elisa de seis anos. Espero que você possa conhecê-los quando tudo isso acabar.

– Conto com isso.

– Por que você não vem para dentro –, Rafe disse enfim. – Você pode me dizer tudo sobre os problemas que perseguem seus calcanhares. Presumo que tenha algo a ver com a linda mulher que pôs esse olhar de *Ela é minha para sempre* em seus olhos.

Anya e Linda já estavam acomodadas na mesa da cozinha quando os homens entraram na casa. Gus olhou rapidamente para Anya para se certificar de que ela estava bem, e foi um alívio vê-la conversando com Linda. A loira olhou para cima quando eles entraram, sorriu para Rafe com um olhar de imenso amor em seus olhos e piscou para Gus.

Quando todos eles tinham canecas cheias de café, Gus explicou a situação para Rafe e Linda com todos os detalhes. Ele não deixou nada de fora, especialmente o episódio na casa segura que os fez fugir.

– Eles não serão capazes de chegar até você aqui, – Rafe prometeu. – Mas o que você vai fazer sobre esse cara desprezível, Virgil Branson? Se eu te conheço, você não vai ficar feliz em apenas se sentar e esperar que alguém faça as coisas acontecerem. Especialmente se você não pode confiar em seu próprio pessoal.

– A última coisa que eu posso me dar ao luxo de fazer é sentar em minhas mãos, – Gus disse. – Assim que eu tiver nossas coisas para dentro e Anya instalada, eu vou fazer algumas chamadas. Trabalhar meus informantes.

– Eu cuidarei da Anya, – Linda disse. – Eu tenho um grande quarto de hóspedes no andar de cima pronto para vocês. Traga o que você precisa e vá trabalhar. Anya e eu podemos tomar nosso café lá fora no alpendre de trás. – Ela olhou para Anya. – Eu com certeza poderia ter um tempo de meninas, para variar.

Gus se levantou e deslizou suas mãos abaixo do cotovelo de Anya, guiando-a para cima de sua cadeira. Ignorando os outros na mesa, ele pressionou um suave beijo em seus lábios.

– Tudo vai ficar bem, – ele a assegurou. – Nós estamos seguros aqui. Você está segura, e isso é a coisa mais importante para mim. – Ele a puxou apertado contra ele por um momento,

pressionando o corpo dela contra o seu em um rápido, duro abraço. – Vá com Linda agora. Eu vou fazer algumas chamadas.

Quando as mulheres estavam acomodadas na varanda de trás, Gus se sentou em sua cadeira novamente e puxou seu celular do coldre em seu cinto. Rafe estava assistindo-o do outro lado da mesa com uma expressão ilegível.

Gus franziu o cenho. – O quê?

– Ela é adorável, Gus. E o jeito que você olha para ela? Você nunca, nem uma vez, olhou para Linda daquele jeito.

Gus abaixou a cabeça. – Sim, sobre isso...

– Nada a dizer. Rafe bateu-lhe no ombro. – Você conseguiu com Anya o que Linda e eu temos. Suficiente a ser dito, certo?

Gus assentiu. – Certo. – E simplesmente assim, surpreendentemente, realmente era.

Rafe terminou seu café e saiu, se dirigindo ao celeiro. Gus começou a discar números de memória, esperando conseguir alguém que pudesse dar-lhe uma pista de onde Virgil Branson estava escondido e quem o estava ajudando a mexer os palitinhos. No momento em que ele terminou de reunir informações de seus contatos, a sensação de mal-estar na boca de seu estômago tinha crescido para proporções gigantescas.

Ele estava contente que Linda estava mantendo Anya ocupada porque ele precisava obter o controle sobre si mesmo antes de compartilhar qualquer informação com ela. Mesmo então, ele teria que ser bastante cuidadoso sobre o que dizer a ela. Ele sabia que ela estava apenas se segurando e algo do que ele soube poderia quebrar seu frágil autocontrole.

– Você parece como se tivesse mordido uma maçã estragada, – Rafe disse, entrando na cozinha pela porta de trás. – Quer falar sobre isso?

Gus assentiu. – Sim e não. Eu realmente gostaria de pegar Anya e fugir para algum lugar onde ninguém poderia nos encontrar. O problema com isso é que nós estaríamos sempre fugindo enquanto Branson ainda estiver à solta. – Rafe desabou na cadeira oposta à dele.

– Certo. Vamos ouvir o que você conseguiu. Talvez entre nós, podemos chegar a um plano.

Novamente Gus sentiu uma onda de emoção varrer por ele e uma onda de gratidão de que seu irmão e sua cunhada que tinham empurrado de lado o passado e o recebido da maneira que fizeram.

– Eu estou descobrindo que nós apenas arranhamos a superfície da operação de Virgil Branson, – ele começou. – Nós o fechamos no Texas e cortamos seus laços com o México, mas aparentemente ele opera a partir de outras cidades, também. Ele ficou abaixo do radar do FBI porque alguém o esteve ajudando todo esse tempo. Alguém de dentro. – As palavras deixaram um sabor amargo em sua boca.

– E é esse alguém que está ajudando a escondê-lo? A pegar Anya?

Gus assentiu. – Isso é o que o meu informante-chave está me dizendo. E ele está tão assustado do que poderia acontecer a ele que eu tive que arrancar cada palavra dele. Ele me disse para não chamá-lo novamente, disse que ele poderia terminar enterrado em alguma prisão federal para sempre.

– Você realmente pensa que é seu chefe, como Jimmy disse? – Rafe queria saber.

– É a resposta mais lógica. Ele poderia facilmente ter orquestrado a fuga da prisão e fornecido a Branson um esconderijo, recursos, o que seja. E uma direção para onde Anya está.

– Então o quê, agora?

– Eu vou chamar Jimmy. Ver o que ele descobriu e se nós podemos reunir algum tipo de plano, para localizar Branson e identificar esse agente corrupto.

– Nos deixe saber o que nós podemos fazer, está bem?

– Você já está fazendo isso, – Gus lhe disse. – Apenas por nos ter aqui.

Linda serviu chili e pão de milho no almoço, então Rafe saiu de novo para trabalhar com o gado, Linda disse que estava indo para o escritório no celeiro para trabalhar nos livros do rancho e Gus tomou uma Anya tremente escadas acima para deitar-se. Ele tinha chamado Jimmy, que disse que tinha estado cavando ainda mais duro. Ele pensou que talvez ele pudesse invadir os arquivos pessoais de Dean Barton e ver o que poderia encontrar e Gus deveria chamá-lo de volta mais tarde. Até lá eles poderiam ser capazes de organizar um plano de verdade em conjunto.

– Eu estou tão assustada, – Anya disse, enterrando-se em seus braços. – Eu só quero que tudo isso acabe.

– Eu também, querida. – Gus esfregou suas costas e ombros. – Mas se Jimmy puder desenterrar a informação sobre Barton que nós precisamos, isso acabará.

– E se ele não puder?

– Se estiver lá, Jimmy encontrará. E eu sei que está lá. – Ele inclinou sua cabeça para trás. – Meus informantes pelo menos sabem que Virgil ainda está em San Antonio. Alguém o está escondendo e provavelmente ajudando-o a realocar e ter seus “negócios” de pé e funcionando novamente.

– Seu irmão e cunhada são maravilhosos de nos deixar vir aqui. – Ela franziu o cenho para ele. – Ela é aquela por quem você esteve apaixonado, não é?

Ele roçou seus lábios contra os dela. – O que eu senti por Linda não era amor. Era luxúria da juventude. – Ele suavemente lambeu seus lábios. – O que eu sinto por você é amor. No caso de que você não saiba disso.

– Você me ama? – Lágrimas se formaram nos cantos dos seus olhos.

– Pode apostar. Eu deveria ter lhe dito muito antes disso. – Ele usou seus polegares para afastar suas lágrimas. – Quando nós sairmos dessa, vamos fazer alguns planos definitivos.

– Você não quer dizer “se”?

– Não. Eu disse “quando” e isso é o que eu quis dizer. Agora. Linda sugeriu que você poderia querer se deitar e descansar, e eu disse a ela que me certificaria de que você o fizesse. Então, não vamos fazer de mim um mentiroso.

Ele a ergueu em seus braços e a levou para a cama king-size. Puxando as cobertas para trás com uma mão, ele a sentou na extremidade e começou a despi-la com infinito cuidado.

Anya estremeceu enquanto ele lançava longe suas roupas. – Gus, Linda e Rafe estão lá embaixo. Nós não podemos fazer isso agora.

– Querida, eu prometo a você que mesmo com um rancho para administrar, quando as crianças estão fora de casa, Linda e Rafe tomam vantagem completa disso. Eles provavelmente ficariam desapontados comigo se eu não aproveitasse a oportunidade de fazer você se sentir melhor. Além disso, eles estão ocupados com seu próprio trabalho agora mesmo.

– Mas eles vão ouvir...

Ele tocou um dedo em seus lábios – Não se nós formos realmente silenciosos.

Ela não poderia dizer não. Assim como essa manhã, Anya necessitava o toque de suas mãos e boca, a sensação de seu pênis dentro dela para expurgar os demônios. E ele tinha dito que a amava! Ela estava certa que seu coração iria explodir de tão cheio. Ela sabia que ele tinha sentimentos por ela. Nos seis meses que eles tinham vivido juntos era difícil perder isso. Mas amor? Ela mal se permitiu esperar que um homem como Gus se sentisse assim por uma mulher como ela.

– Pare de pensar tanto, – ele provocou. – Se você está pensando que eu não farei meu trabalho direito. – Ele se ajoelhou para tirar seus jeans e calcinhas.

Ela apertou as mãos atrás de seu pescoço. – Eu só estava pensando que... quero dizer, que você... Isto é...

– Qualquer dúvida que estiver dançando por sua mente, apenas a coloque de lado. Eu te amo, Anya. Você é exatamente o que eu quero. Então segure esse pensamento.

Ele inclinou a cabeça para baixo para correr sua língua pela ondulação superior de seus seios. Seus mamilos se endureceram de uma vez, em resposta. Ele continuou a traçar linhas através de sua carne, não a tocando em nenhum outro lugar, suas mãos apoiadas de cada lado dela. Anya gemeu e se arqueou para ele.

– Segure seus seios para mim, – ele disse com voz áspera. – Tome-os em suas mãos. Sim. Desse jeito. Aperte-os para mim.

Faíscas sacudiram através dela, direto para sua boceta. Ela gemeu quando Gus moveu sua língua para apertar contra um mamilo de cada vez. O fato de que ele ainda tinha suas roupas postas enquanto ela se sentava lá nua, a excitou ainda mais. Ela se retorceu na cama conforme a pulsação em sua vagina aumentou seu ritmo.

Gus parecia ficar para sempre banhando seus seios e seus mamilos antes de trilhar sua língua para baixo, passando por seu umbigo. Mas ao invés de se abaixar para alcançar sua boceta, ele se levantou. Quando ela ergueu os olhos para encontrar os dele, ela viu desejo queimando neles, chamas ambarinas flamejando nas piscinas quentes, castanho-escuras.

Muito lentamente, ele removeu suas roupas, lançando-as de lado, uma peça de cada vez, jogando seus sapatos e finalmente abaixando suas cuecas e saindo delas. Seu pau pulou livre como se estivesse apenas aguardando a oportunidade. Sua dura espessura apontava para ela, a cabeça aveludada de cor ameixa escura, um minúsculo botão de fluido descansando no olho como uma estrela em uma coroa.

Anya ainda estava segurando seus seios, esperando que Gus dissesse a ela o que fazer em seguida. Ela tinha descoberto que a excitava que ele fizesse isso.

– Incline-se para frente e me lamba, – ele disse. – Apenas a cabeça. Não use as mãos, apenas a língua.

Ela fez como ele pediu, curvando-se para frente e golpeando a língua sobre a cabeça, capturando a pérola de líquido que implorava que ela a tomasse. O grande corpo de Gus se estremeceu à primeira chicotada de sua língua.

– Jesus, isso se sente tão bom. Faça isso novamente, querida. Exatamente assim.

Ele permaneceu com seus pés separados, o pesado saco de suas bolas descansando contra suas coxas musculosas. Cada vez que ela varreu a parte plana de sua língua sobre ele, seu pênis se flexionava. Anya sabia que ela estava ficando cada vez mais úmida e Gus não estava nem mesmo tocando-a ainda.

Sem aviso prévio ele se afastou, Anya ofegou, suas mãos apertando seus seios. Gus moveu para mais perto dela e a empurrou suavemente de volta na cama. Dobrando seus joelhos e abrindo suas pernas. Então ele se ajoelhou no chão na frente dela e abriu os lábios de sua vagina.

– Sabe, – ele disse numa voz rouca, – quando voltarmos para casa eu vou raspar estes cachos bonitos. Eu quero ver sua linda boceta nua para mim. Eu quero esfregar meu pau por toda parte sobre ela e não sentir nada além de pele nua. Você gostaria disso?

Como assim? Ele não podia ver mais líquido escorrendo dela?

– Sim, sim, sim, – ela cantou. – Eu quero isto.

E ela queria. Aquele e mais. Todos estes meses que Gus a tinha persuadido a desfrutar sua sexualidade. Para deixar o passado para trás e pensar apenas neles dois. E ela esteve

fazendo isso. Agora, mesmo no meio desta crise, ocorreu-lhe que nada que este homem pudesse sugerir iria mudá-la. Ela queria tudo isso com ele.

Eu quero isso tudo.

– E é isso que você conseguirá, acredite-me.

Oh, Deus, ela disse isto em voz alta?

Mas no momento seguinte, ela até mesmo esqueceu como falar quando Gus abaixou sua boca para ela, soprou uma corrente de ar morno em sua boceta e lambeu todo o comprimento de sua fenda. Ela gemeu novamente, montando a crista do calor que disparou por ela. Seus punhos cerrados nos lençóis e seus calcanhares cavados no colchão.

– Toque a si mesma, Anya. Toque seu clitóris por mim. Esfregue isto enquanto eu fodo você com minha língua.

A labareda de excitação que inundou por ela a chocou em sua intensidade. Ela deslizou uma das mãos abaixo sobre a barriga até encontrar seu clitóris sob o ninho de cachos e o beliscou entre dois dedos.

– Esfregue, Anya. Duro. Faça isto.

Enquanto ela o atendia, Gus empurrou sua língua dentro dela e a bateu contra suas lisas paredes. Então ele começou o lento, constante movimento para dentro e fora que a levava à loucura. Quanto mais rápido ela movia seus dedos, mais rápido ele dirigia sua língua. O clímax germinou em seu baixo ventre, espalhando-se para cima e para fora, consumindo-a com um calor carnal.

Suas mãos deslizaram para baixo para segurar em xícara as bochechas de seu traseiro, esfregando-as e gentilmente beliscando-as. Um dedo magro deslizou dentro de sua boceta com sua língua, retirando-se revestido de seus sucos, e pressionou-se em seu ânus.

Anya quase convulsionou com as quentes sensações glaciais que rolaram por ela.

OhDeusohDeusohDeus.

– Não pare, – ela implorou, temendo que ele parasse no meio como tinha feito antes.

Mas dessa vez Gus a levou até o final, sua mão, sua língua, seus dedos criando tão poderosos sentimentos dentro dela que ela entrou em erupção em uma explosão totalmente descontrolada. Ela convulsionou, os quadris empurrando na boca de Gus, suas mãos roçando, roçando, roçando para extrair os espasmos. Ela empinava e arqueava, os quadris saindo da cama, enquanto a língua má de Gus e dedos a tocavam como um instrumento bem afinado.

Quando enfim os espasmos se extinguiram, Gus subiu, inclinou-se para sugar cada mamilo endurecido, beliscando ligeiramente com as extremidades de seus dentes, antes de virá-la. Uma onda de erotismo dominou Anya. Ele iria fazer isso agora? Seria essa a vez em que ele a foderia no traseiro? Ela balançou os quadris, tentando persuadi-lo a isso. Mas depois que ele rasgou o pacote de preservativo e rolou o látex em seu espesso pênis, e a empurrou sobre seus joelhos, ele pressionou a cabeça de seu eixo contra sua abertura vaginal, ao invés. Um impulso de seus quadris, e ele estava completamente acomodado, suas bolas batendo contra a parte de trás de suas coxas.

No momento que a cabeça de seu pau bateu na boca de seu útero, outro clímax começou a se construir dentro dela. Gus agarrou seus quadris, seus dedos segurando-a no lugar enquanto ele se dirigia dentro dela de novo e de novo. Seus dedos se apertaram, seu corpo se tencionou, e enquanto seu próprio orgasmo crescia, Gus gemeu o nome dela, sua liberação jorrando dentro do preservativo, pulsando contra o aperto de suas paredes vaginais.

Ambos desabaram para frente, ofegando por ar, os corações trovejando. Gus envolveu seus braços ao redor dela e enterrou o rosto na curva de seu pescoço, murmurando seu nome uma e outra vez. Finalmente, ele se retirou dela, eliminou o preservativo e subiu na cama com ela, virando-o de modo que as duas cabeças estivessem sobre os travesseiros.

– Eu tenho que fazer mais alguns telefonemas, – ele murmurou enquanto beijava sua bochecha. – Mas eu quero que você tire um bom cochilo. Eu vou acordá-la logo antes do jantar.

– E você? Você quase não conseguiu dormir ontem à noite, também.

– Eu estou bem. Eu quero passar algum tempo com Rafe enquanto eu posso, também.

– Não me deixe ainda, está bem? – Ela se moldou contra seu corpo.

– Não até que você esteja dormindo, Anya. Feche seus olhos. Eu estou bem aqui.

Capítulo Seis

Uma vez que ele teve certeza de que Anya estava dormindo, Gus tomou uma ducha e colocou suas roupas de volta, então se dirigiu para o andar de baixo. Linda e Rafe ainda estavam ocupados em suas próprias atividades, então ele se serviu de uma caneca de café fresco e sentou-se para pensar sobre quem mais ele poderia chamar. Ninguém poderia ligar para ele, uma vez que ele estava usando telefones descartáveis e eliminando-os a cada poucas horas, por via das dúvidas.

Adoecia-lhe e entristecia-lhe pensar que seu chefe, por quem ele sempre deve o maior respeito, pudesse estar na cama com Virgil Branson em seus negócios sujos. Se isso fosse verdade, ele certamente tinha enganado uma porção de pessoas. Mas, correndo mentalmente a lista dos agentes do escritório de campo de San Antonio, não parecia haver muitas outras opções. Ele sabia que tinha que ser alguém em uma posição para ter acesso a todas as informações e para a localização das testemunhas, mas porra! Dean Barton?

Claro, isso explicaria muitas coisas.

O restante dos informantes que ele chamou não diria nenhuma palavra a ele. A maioria deles parecia mais assustada do que ele alguma vez os ouviu. Mas se eles estivessem pegos entre Virgil Branson e o FBI ele podia entender por quê.

Ele estava sentado à mesa com a cabeça nas mãos, quando Linda veio do estúdio.

– Como está Anya? – ela perguntou.

– Dormindo. Nós não tivemos muito descanso ontem à noite e ela estava tensa como um arame hoje. Eu disse a ela para tirar uma boa soneca.

– Ela parece bem legal, Gus. – Linda se ocupou pegando ingredientes para salada na geladeira. – Eu estou realmente contente que você encontrou alguém.

Ele expirou uma longa respiração. – Escute, Linda, – ele começou.

– Está tudo bem. – Ela se voltou e sorriu para ele. – Você não precisa dizer nenhuma palavra. Nós não tivemos nada além de luxúria entre nós, dez anos atrás. Eu deveria me desculpar com você, uma vez que era, na verdade, Rafe quem eu quis o tempo todo.

Gus lhe deu um sorriso cansado. – Eu acho que eu sabia disso. Naquele tempo, no entanto, eu estava com a cabeça quente, com mais bolas que cérebros.

– Não mais que seu irmão. Boa coisa que eu o domestiquei. – Ela piscou.

Rafe entrou pela porta de trás, batendo seu chapéu contra sua perna para sacudir o pó e pendurando-o em um cabide perto da porta. – Como está a nossa menina?

– Nossa menina? – Gus levantou uma sobrancelha. – Eu acho que você só vai conseguir roubar uma mulher de mim. – Mas ele sorriu para mostrar que estava brincando. Então ele correu as mãos por seus cabelos e se inclinou para trás. – Eu acho que estou sem idéias, Rafe. É melhor eu conseguir alguma coisa rápido. É ótimo estar finalmente de volta aqui, mas Anya e eu não podemos nos esconder aqui para sempre.

– Que tal você e eu tomarmos uma bebida no estúdio e sair do caminho da Linda enquanto ela prepara o jantar. Você pode explicar tudo para mim e ver se uma mente fresca ajuda.

– Eu gostaria de ajudar com o jantar.

Todos se viraram para ver Anya em pé na entrada. Gus se agradou ao notar que ela parecia mais descansada que antes, mas as linhas de tensão ao redor de seus olhos e as sombras sob eles ainda estavam ali.

Linda a arrastou para dentro do aposento. – Venha, então. Eu sempre posso aproveitar uma ajuda.

Apesar do fato de que Gus tinha colocado tudo para fora para seu irmão e eles analisaram o problema de todas as maneiras possíveis, Rafe não chegou a nenhuma solução mais do que Gus o fez.

– O que eu estou pensando, – Gus meditou, saboreando o uísque envelhecido, – é que eu poderia pedir se eu posso deixar Anya aqui com vocês e voltar para a cidade sozinho. Há uma chance melhor de que eu consiga escavar mais pessoalmente do que tentando perseguir as pessoas por telefone.

Ele tinha resistido à idéia quando Jimmy a mencionou pela primeira vez, mas então eles estavam falando sobre uma casa segura do FBI. Isto era muito diferente. Uma definitivamente mais desconhecida.

– Você falou com Jimmy novamente?

– Eu pensei em tentá-lo depois do jantar. Ver se ele conseguiu alguma coisa. Eu sei que ele esteve em casa todo o dia trancado com seu computador. Sem dúvida envolvido em todos os tipos de “hacking” ilegal.

– Hey. Se ele conseguir as boas sobre o agente corrupto, vale a pena, certo?

– Qualquer coisa vale a pena por isso, – Gus concordou, – se isso significa que Anya está segura de novo.

– Você conseguiu um prêmio de verdade para você mesmo, mano. Parabéns. Estou contente que você encontrou alguém, também.

Muitas palavras não ditas se estenderam entre eles, mas nenhum deles sentiu necessidade de dizê-las.

Depois que Anya ajudou Linda a arrumar a cozinha, Gus tomou seu cotovelo e guiou-a pela porta da frente.

– Onde nós estamos indo? – Ela quis saber.

– Eu não beijei uma garota sob o luar do Texas Hill Country⁹ há muito tempo, – Gus brincou. – Pensei que já era tempo de eu fazer isso. E eu quero fazer isso em um de meus lugares favoritos.

Ele tomou sua mão enquanto eles se afastavam da casa em direção à estrada, no denso bosque que cobria o chão entre a casa e a estrada e por um bom caminho à esquerda. Eles entraram apenas alguns poucos passos quando foram absorvidos pela escuridão ainda familiar a Gus. Este tinha sido seu refúgio, seu parque de diversões, seu santuário. Até mesmo seu ponto de namoro quando tinha trazido um encontro para casa para uma caminhada ao luar. Alguns passos mais e a casa mal era visível.

– Estou surpresa que seus pais nunca cortaram estas, – Anya disse. – Tudo o mais ao redor daqui é tão aberto.

– Eles sempre disseram que deliberadamente deixaram essas aqui, assim eles teriam, ao menos, a ilusão de uma floresta, – ele disse a ela. – Minha mãe cresceu em Maine, que, como você sabe, tem mais árvores que pessoas. Além disso, todas essas árvores no jardim da frente costumavam ser uma boa cobertura para Rafe e eu.

– Como assim?

– Nós tínhamos nos esgueirado para fora da casa e fumado cigarros, então nos esgueiramos de volta, assim nosso pai não poderia nos pegar. – Ele riu. – Nós não sabíamos que ele podia ver as pontas acesas de casa e estava apenas esperando por nós. A mesma coisa

⁹ Traduzido literalmente significa “Colinas do Interior do Texas”. É um termo aplicado à região central (Country = interior) do Texas, onde há altas colinas (Hill) escarpadas que consistem em finas camadas de solo em um embasamento de calcário ou de granito.

na noite em que nós nos esgueiramos para cá com uma garrafa de seu uísque. Mas ele esperou até que estivessemos bem e doentes daquela vez para cair sobre nós

– Eu aposto que vocês eram uns pestinhas, – Anya provocou. Ele estava contente de ver que ela tinha relaxado um pouco. Estar aqui era bom para ela

– Oh, sim. Nós costumávamos brincar de cowboys e índios nessas árvores, também, quando éramos apenas crianças. Algumas vezes nós tínhamos amigos conosco. Se um de nós era capturado, nós gritaríamos para o outro. Alguma merda idiota como “Estou procurando a lua”. Nós tínhamos sinais estúpidos que inventamos.

– Então o que aconteceria?

– Qualquer de nós que estivesse livre pegaria um rifle de plástico que nós tínhamos, se esgueiraria pelo outro lado das árvores e capturaria o agressor. Deu-nos uma boa chance de praticar habilidades de rastreamento que um dos ajudantes do rancho nos ensinou.

Ela balançou a cabeça. – Cigarros. Rifles de brinquedo. Os tempos certamente mudaram desde então.

– Essas velhas árvores certamente viram sua parte de ação. – Ele riu. – às vezes eu costumava caminhar com minhas namoradas aqui, roubar um beijo onde ninguém poderia nos ver. Talvez tentar algumas outras coisas.

Anya franziu o nariz. – Eu não acho que eu quero saber mais detalhes. – Ela olhou em torno. – Eu gosto das árvores. Elas dão-lhe muita privacidade do tráfego na estrada.

– É por isso que nós fizemos tão bom uso delas. – Gus caminhou com ela na parte mais espessa das árvores e a virou para encará-lo. – Hora de conseguir meu beijo.

– Faça isso um bom, – uma voz disse há alguns centímetros. – Pode ser seu último.

Anya abafou um pequeno grito. Gus congelou no lugar. Lentamente ele girou, colocando Anya atrás dele. Jimmy Broughton, segurando uma 9 milímetros nas mãos, estava em pé a alguns centímetros dele, delineado nos fragmentos de luar que conseguiam atravessar pelo dossel de árvores. E praguejou porque ele não tinha trazido sua arma com ele porque estava certo de que era o único lugar seguro no mundo.

– Eu sou provavelmente a única pessoa que sabe que esta costumava ser sua casa, – Jimmy lhe disse. – Ninguém mais pensaria em procurar aqui por você.

– Bastardo, – Gus cuspiu. – É você, não é? Você é o homem de dentro. – Mas a pergunta era retórica.

– Mais como um parceiro silencioso, – Jimmy vangloriou-se. – Virgil e eu fizemos algum dinheiro quente ao longo dos anos.

– Você o protegeu, – Gus adivinhou. – Foi assim que ele evitou ser apanhado todos esses anos.

– E se não tivesse sido por essa pequena puta se escondendo atrás de suas costas, eu ainda estaria montando o trem da alegria. Mas estou cuidando disso agora. – Ele suspirou. – Você simplesmente não quis me ouvir e enviar essa puta para longe, não é? – Ele deu uma risada curta. – Eu lhe disse que seria o seu funeral.

Gus mal podia acreditar que o homem que ele tinha considerado seu melhor amigo era seu pior pesadelo tornado realidade. – Meu irmão e sua esposa estão justo naquela casa, Jimmy. Eu não sei como você espera ir longe com isso.

– Fácil. Nós vamos apenas sair daqui, usando as árvores como cobertura, pular a cerca e entrar no meu carro.

– Você vai ter que atirar em mim, porque eu não vou me mover. – Raiva fluíu através de Gus, mas ele a manteve cuidadosamente controlada. Ele não podia se dar ao luxo de deixar as emoções distraí-lo.

Uma porta bateu. – Hey, Gus. Vocês estão aqui fora? – Rafe, na varanda dianteira. – Você está bem?

– Diga a ele que você está bem. Você estará em breve.

– Eu estou procurando a lua, – Gus gritou.

Houve um momento de silêncio antes de Rafe responder-lhe. – Certo. Entendi.

A porta bateu novamente.

– Agora, então, – Jimmy disse. – Vamos apenas seguir em frente calmamente. – Eu tenho... um amigo esperando no carro para me ajudar com vocês dois.

Gus podia sentir as unhas de Anya cavando em sua cintura onde ela o estava segurando. Ele a abençoou por ser o tipo de mulher que podia manter a cabeça em uma situação como essa e seguir a sua liderança.

– Se você vai atirar em nós, Jimmy, você poderia muito bem fazê-lo aqui, porque nós não vamos nos mover.

– Talvez eu vá atirar na puta, primeiro, – ele cuspiu.

– Você vai ter que passar por mim para fazer isso, – Gus assinalou, ainda mantendo seu corpo entre o de Anya e o agente. – E como você vai explicar dois corpos no rancho do meu irmão?

– Talvez eu apenas atire em você e a leve comigo, – Jimmy zombou. – Divertir-me com ela antes de me livrar dela. Afinal, ela é uma das garotas de Virgil, certo?

– Errado, – Gus cuspiu fora, – e você sabe disso. – E se você é o “parceiro de negócios” daquele pedaço de lodo, você sabe que a maioria das mulheres não foi de boa vontade.

Continue falando. Mantenha-o focado em mim. Vamos, Rafe, comece a se mexer.

– Não importa. De qualquer modo, estou farto de falar. – Ele gesticulou com sua cabeça. – Vamos indo. Agora.

– Eu não contaria em ir para nenhum lugar, se eu fosse você. – A voz de Rafe era um som sem corpo na escuridão, mas a luz da lua refletiu no cano da arma que ele agora pressionava contra o pescoço de Jimmy. – Solte a arma.

– Atire em mim e eu atiro neles. – A voz de Jimmy tinha um tom feio para ele.

– Talvez. Mas pense no dano que uma explosão de rifle pode fazer na parte de trás do seu pescoço. Eles estarão procurando por pedaços da sua cabeça na próxima cidade. É isso que você quer?

Gus manteve os olhos colados no rosto de Jimmy, mas era difícil entender o olhar na falta de uma luz de verdade. Ele quis dizer a Anya para correr, se dirigir para a casa, mas ele tinha medo de que Jimmy fosse estúpido o suficiente para tentar conseguir um disparo.

– É melhor largar a arma, Jimmy. Ele manteve sua voz baixa e até mais, apesar da ira surgindo através dele.

Por um longo momento, nada aconteceu. Então Jimmy abaixou a mão e deixou cair a arma para o chão. O pé de Rafe varreu para fora e atingiu as pernas de Jimmy, lançando-o ao chão. Os dois homens estavam sobre ele instantaneamente, imobilizando-o com a corda que Rafe tinha pendurada sobre um ombro. Então eles o levaram saltando de volta para a casa do rancho, o rifle de Rafe apontado para as costas do homem o tempo todo.

– Boa coisa que você se lembrou daquele sinal, – Gus comentou, ainda tremendo de raiva.

– Algumas coisas você nunca esquece, – Rafe lhe disse. – Como o fato de que irmãos são sempre irmãos, não importa o quê.

Com isso, a última janela de tempestade selando seu passado rachou-se e quebrou, e as primeiras linhas de paz infiltraram-se por Gus.



Era uma hora da manhã antes de tudo ter sido embrulhado. Jimmy foi levado por dois agentes, de helicóptero para o escritório de San Antonio. O carro com o amigo de Jimmy tinha ido há muito tempo, mas Dean Burton, que tinha voado com os agentes, assegurou a todos que quando eles fizessem em pedaços a organização de Virgil, eles sem dúvida o capturariam na rede. Finalmente, ele ficou no alpendre traseiro, apertando as mãos de Gus.

– Eu não posso lhe dizer o quanto eu sinto que você teve que passar por isso, – ele disse, não pela primeira vez. – Eu deveria ter sido esperto o suficiente para enxergar o que estava acontecendo. Ou para colocar mais alguém no caso quando nós não pudemos encontrar de onde todo o apoio de Virgil Branson estava vindo.

– Leite derramado¹⁰, – Gus disse a seu chefe. – Ninguém poderia ter visto isso.

– Nós invadimos todos os seus arquivos pessoais e descobrimos um grupo de propriedades que ele possuía por aqui, assim como em outros estados. Estou executando um esforço coordenado para batê-las todas de uma vez, e estou certo de que encontraremos Virgil em uma delas, e esse será o seu fim. Eu verei isso pessoalmente.

– Obrigado. E eu aprecio que você cuide disso sozinho.

Dean deu de ombros. – É certamente o mínimo que eu posso fazer.

Alguns minutos mais tarde o helicóptero decolou. Gus assistiu até que fosse apenas um ponto no céu antes de voltar para dentro da casa. Ele queria dizer a Anya novamente o quão orgulhoso ele estava dela pelo modo como ela lidou com isso. Ele sabia que ela estava morrendo de medo, mas ela apenas permaneceu silenciosamente, confiando nele para cuidar dela, se quebrando só depois que eles retornaram para a casa e ela podia deixar as lágrimas fluírem.

Ele se sentou com ela em seu colo e a alimentou com chá com conhaque, murmurando palavras tranquilizadoras para ela até que suas pálpebras começaram a fechar.

Todos finalmente foram para a cama, apenas para serem despertados sete horas mais tarde por uma chamada de Dean Barton de que Virgil Branson estava sob custódia. O pesadelo estava finalmente terminado.

– Eu vou buscar as crianças, – Linda anunciou quando eles terminaram o café da manhã.
– Eles estarão animados para finalmente conhecer seu Tio Gus.

– Nós estaremos indo embora mais tarde hoje, – Gus disse a ela. – A excitação acabou e nós precisamos deixar vocês todos em paz.

Rafe e Linda trocaram um longo, conhecedor olhar.

Rafe limpou a garganta. – Nós realmente gostaríamos que vocês dois pudessem passar alguns dias aqui. Dar-nos a chance de reconstruir essa família.

– Eu não penso que... – Gus começou.

Anya pôs uma mão pequena em seu braço. – Obrigada. Nós gostaríamos muito disso. Estou certa de que Gus não disse nada a vocês, mas minha vida familiar deu um novo significado à palavra “disfuncional”. Isso significa tanto para mim quanto para Gus.

– Está acertado, então, – Rafe disse. – Eu preciso sair e trabalhar com o gado um pouco, enquanto a Linda pega as crianças. Depois do almoço, vamos conversar sobre as coisas e fazer alguns planos.

Gus assentiu. – Nós gostaríamos disso.

Quando estavam apenas os dois na casa, Gus levantou Anya de sua cadeira, embalou-a contra seu tórax e a beijou como um homem faminto.

¹⁰ Referência àquele ditado popular: “Não adianta chorar sobre o leite derramado”.

- Acabou, querida, e eu tenho um grande jeito de celebrar. O que você diz?
- Eu digo sim, – ela lhe disse, ainda tentando recuperar o fôlego.

Ela amou estar nua com ele, sem nada entre eles, pele contra pele. As mãos dele eram como ferramentas de artista, tocando-a em todos os lugares certos, acendendo fogueiras em todos os lugares.

- Eu amo você, – ele sussurrou, escarranchando seu corpo.

Ele baixou a cabeça para capturar um mamilo com sua boca, chupando-o duro contra o céu de sua boca com sua língua. Anya enroscou seus dedos através da espessa seda de seus cabelos, apertando sua cabeça contra seu corpo.

Quando ele provocou um mamilo até uma dureza latejante, passou a trabalhar no outro. Seus dedos ligeiramente beliscaram o mamilo ainda molhado de sua boca. Picos gêmeos de calor dispararam diretamente para sua boceta, fazendo-a mover-se inquieta com a crescente necessidade.

Ela se surpreendeu quando ele ergueu a cabeça e trocou seu peso de modo que estivesse mais adiante sobre seu corpo. Seu pênis engrossado descansava entre seus seios, a cabeça de ameixa escura a escassos centímetros de seus lábios. Sua língua serpenteou para fora e ela a bateu sobre a pele suave, contente vê-lo se flexionar a cada toque.

Os quadris de Gus bombearam para frente e para trás, sua seta roçando contra sua pele com uma fricção erótica. Suas mãos apertaram seus seios juntos, segurando-os contra seu pau enquanto ele mantinha o ritmo. Anya estendeu uma mão para agarrá-lo, mas ele a rebateu para longe.

- Não, querida. Apenas assim. Deixe-me apreciar a sensação desses maravilhosos montículos contra meu pau.

No ponto em que ela estava pronta para desafiá-lo e envolver seus dedos ao redor de ereção de qualquer maneira, ele recuou, deslizou abaixo sobre seu corpo, abriu suas pernas, e sem aviso prévio, mergulhou a língua dentro de sua vagina trêmula.

- Gus! – Seu nome explodiu dela enquanto o prazer bombeava através dela. – Oh, Deus, Gus.

Sua língua era um arame vivo, acendendo chamas dentro de suas paredes pulsantes. Ela envolveu suas pernas ao redor de seu pescoço, puxando-o dentro dela, movendo em cadência com sua muito engenhosa língua. Mas muito cedo, ele se moveu de sua posição, deslizando dois dedos dentro de sua vagina e trazendo-os gotejando com seu mel. Com golpes gentis, ele pintou o líquido no apertado anel de seu ânus, acariciando a pele com as pontas de seus dedos. Muito lentamente e cuidadosamente ele inseriu um dedo em seu túnel quente, empurrando além dos músculos apertados até que seus tecidos se flexionaram ao redor dele. Ele tomou seu tempo, pressionando, até que o dedo todo estava dentro, então o puxou e adicionou um segundo dedo. Seus movimentos de tesoura estiraram o aperto de seu reto, a umidade permitindo-lhes mover com escorregadia facilidade.

- Tudo bem? – Sua voz era pesada com luxúria.
- Mmm, – era tudo o que ela conseguia administrar.

Quando ela começou a empurrar abaixo em sua mão, ele a virou como tinha feito na noite anterior, puxando-a sobre seus joelhos e apoiando-a com travessieiros sob ela.

Ela ouviu os sons familiares de um pacote de alumínio sendo aberto e soube que ele estava rolando um preservativo. Então suas mãos abriram as bochechas de seu traseiro, a cabeça de seu pau provocou seu buraco e com pressão firme, ele a penetrou. As quentes paredes escuras de seu reto o agarraram apertado, conforme ele se movia cada vez mais profundo.

Sua boceta estava se apertando em resposta, a pulsação que batia ali aumentando sua intensidade, a sensação familiar de calor glacial deslizando por ela.

Ele está fazendo isso! Ele está fazendo isso!

Gus pausou quando ele esteve dentro até o máximo, as mãos descansando e seus quadris.

– Você está bem, querida?

Ela assentiu, incapaz de falar.

– Respire comigo, – ele instruiu. – Dentro, fora, dentro, fora.

Ela fez como ele lhe disse, inspirando a cada vez que ele se retirava, e expirando a cada vez que ele mergulhava de volta nela. Finalmente, ela se sentia completamente possuída por ele, totalmente dele. As ultimas barreiras se derrubando.

Gus se inclinou sobre ela enquanto ele a fodia constantemente.

– Eu quero você para sempre, Anya. Eu te amo.

– Eu... amo... você... também.

Seu aperto nela se firmou, conforme seu ritmo aumentou. A transpiração cobriu seu corpo e seu coração estava trovejando forte em seu tórax. Ela bombeou com ele, empurrando de volta a cada vez para encontrá-lo.

Ela sentiu isso começar, rolando de bem profundo dentro dela, ao mesmo tempo em que Gus batia duro dentro dela.

– Agora, – ele gritou, e chamou seu nome, conforme ele inundou o preservativo com sua liberação, o corpo estremecendo a cada jorro.

A vagina de Anya convulsionou-se uma e outra vez, os espasmos agitando seu corpo, nada existindo, com exceção dela e de Gus em sua mais íntima conexão.

Finalmente ela desabou adiante, Gus em cima dela, equilibrando a si mesmo em seus antebraços. Ela não tinha certeza de que alguma vez seria capaz de respirar normalmente novamente, mas ela não ligava. Ela não queria que isso alguma vez acabasse. Ela quase chorou em objeção quando Gus se retirou de seu corpo e deixou a cama para eliminar o preservativo. Mas então ele estava de volta, limpando-a com um pano morno, beijando suas bochechas e suas pálpebras, subindo debaixo das cobertas e puxando seu corpo ainda trêmulo contra o dele.

Ela esfregou o nariz contra o pêlo suave de seu peito, divertindo-se com a sensação de as pele próximo a ela.

– Eu amo você, – ele lhe disse, dessa vez mais calmamente, mas não menos intensamente.

– Eu amo voe, também, – ela disse a ele, o coração saltitando, conforme a felicidade a alagava.

Ele cobriu seus lábios em sua testa. – Case-se comigo, Anya. Seja parte da vida que finalmente me trouxe para casa.

Ela envolveu os braços ao redor de seu pescoço e examinou seus olhos. O que ela viu ali deu-lhe mais alegria do que ela jamais tinha esperado encontrar.

– Sim. Sim, eu me casarei com você. Quando você quiser.

– Aqui? No rancho?

– Claro. Absolutamente.

– Nós deveríamos dizer a Linda e Rafe, – ele disse.

Anya deu uma risadinha. – Nós provavelmente deveríamos colocar algumas roupas, primeiro.

Ele riu. – Bom ponto. – Então seus olhos se escureceram novamente. – Mas não até que eu foda você de novo.

Ela levantou suas sobrancelhas. – Tão logo?

– Isso é o que você me faz. Eu não acho que eu alguma vez conseguirei suficiente de você, querida.

– Espero que não.

Ela sorriu para si mesma enquanto suas mãos se moveram sobre ela novamente, mostrando-lhe com movimentos o que ele tinha lhe falado com palavras exatamente o quanto ela significava para ele.

FIM

Sobre a Autora

Eu sempre me pergunto o que os leitores realmente querem saber quando eu escrevo uma destas coisas. Chegar a este ponto em minha carreira tem sido uma jornada interessante. Eu administrei bandas de *rock n' roll* e organizei concertos. Fui a única mulher na equipe de esportes de um jornal da faculdade. Mergulhei em Nashville me vendendo como uma cantora *country*. Vivi em cinco estados diferentes. Casei-me com dois homens muito interessantes, mas totalmente diferentes.

Eu penso que eu devo ter vivido no Texas em outra vida, porque no minuto que eu coloquei o pé no solo do Texas, soube que estava em casa. Viver no Texas Hill Country me dá inspiração para mais histórias do que eu provavelmente alguma vez serei capaz de contar, o que com todos os cowboys sensuais que me cercam e a paisagem magnífica que fornece um grande cenário.

Cada dia é uma nova aventura para mim, conforme meus personagens vêm à vida nas páginas de meu atual trabalho em desenvolvimento. Eu sou absolutamente compulsiva sobre quando eu estou escrevendo e agradeço todos os deuses e deusas por ter um marido tão maravilhoso que encoraja minha escrita e tolera minha obsessão. Como uma autora de múltiplas publicações, eu adoro ouvir meus leitores. Suas entradas mantêm minha mente fresca e sempre caçando novas idéias.

Também por Desiree Holt

Desafio do Puma: Quente para Trotar

A Seta de Cupido

Dançando com o Perigo

Lady Diamante

Entrada Dupla

Dirigido pela Fome

A Corrida da Águia

Ellora's Cavemen: Sabores de Êxtase I
(antologia)

Magia Élfica (antologia)

Verde Esmeralda

Subida da Lua Quente

Quente, Mau e Selvagem**Eu te desafio**

Jornada para Pérola

Apenas Diga Sim

Seqüestrando o Noivo

(com Allie Standifer)

Deixando ir

Linha de Visão

Calor Noturno

Uma Vez Queimado

Era Uma Vez em um Casamento

Cavalgando na Tempestade

Calor de Rodeio

Abrasado (com Allie Standifer)

Ilusão Sedutora (com Allie Standifer)

Trocado

Ensinando Molly

Toque de Mágica

Onde o Perigo se Esconde



Visitem nossos blogs:

RomantiCon

<http://romanticonlivroshot.blogspot.com/>

Calientes

<http://ebookshotmell.blogspot.com/>

Western

<http://livrosemtraducao.blogspot.com/>